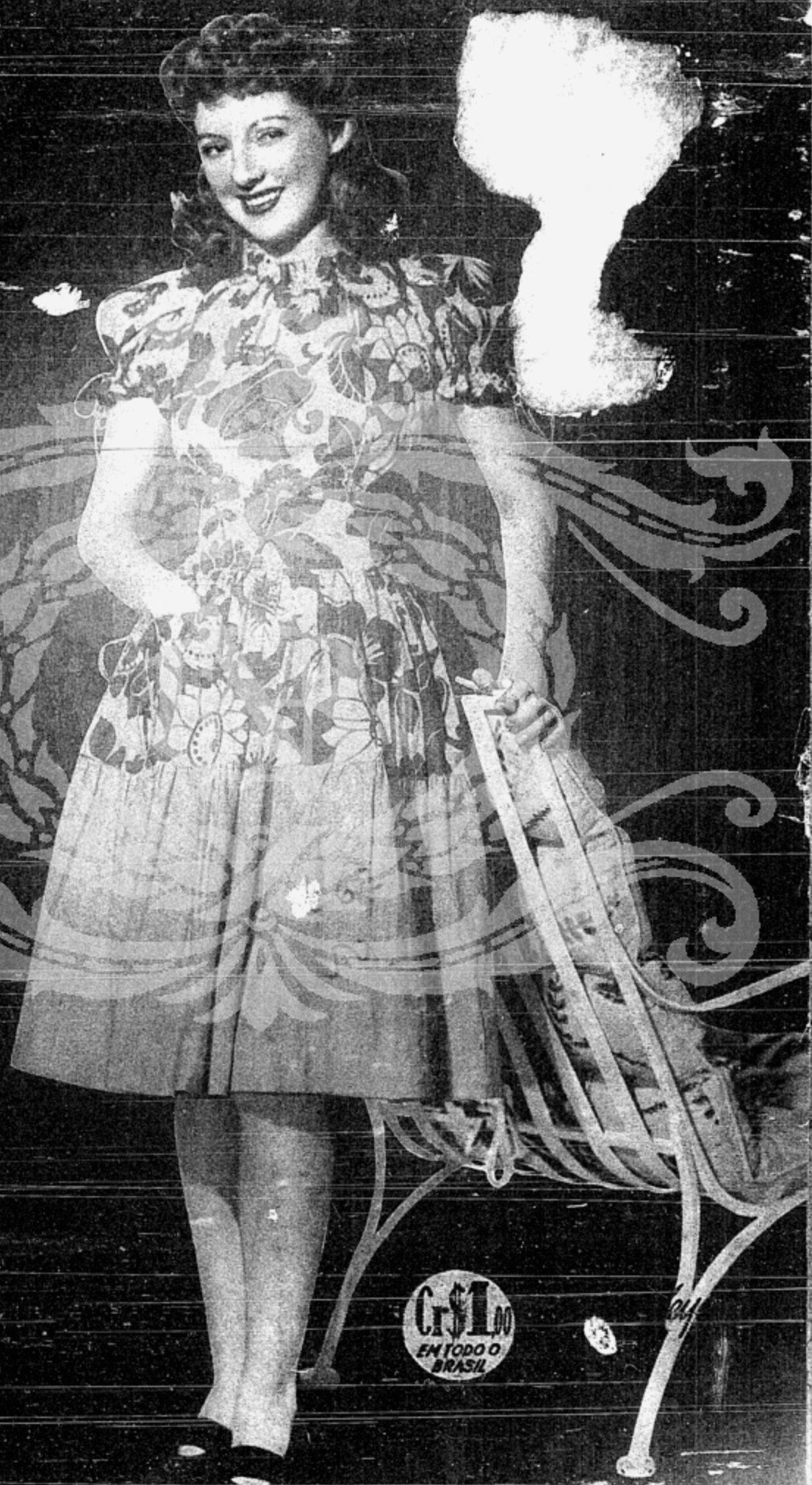




PANO PARA MESA



INVENTARIO -BN

00.145.409-9

ESTE elegante pano para mesa, em estilo oriental, mede 1,60 x 1,60, podendo ser feito, pela disposição do risco, em quatro quadrados.

Deve ser feito em etamine creme escuro com os bordados em cores vivas, azul, vermelho, verde e amarelo, sendo todos os desenhos contornados por um ponto de haste preto. Os quadrados são unidos por um galão de «crochet» feito com linha marrom. E' contornada por um «festonet», também em marrom.

ANO XXXVII

NÚMERO 1

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,
2 de Janeiro
de 1943



MANHÃ

NASCE o dia. Cantam os pássaros. A vida recomeça... Após uma noite de inquietações e amarguras, de esperanças inúteis e de sonhos malogrados, a manhã vem trazer, ao sofrimento humano, a doce promessa do seu rutilante alvorecer. Os dramas noturnos ficaram nas sombras. Cessaram os gritos dos desesperos anônimos. Aliviaram-se as dores ignoradas. E tudo, radiosamente, se esmaltou da alegria matinal do novo dia.

* * *

Um ano que nasce é uma nova manhã que desponta na vida, para iluminar a alma sombria e o insatisfeito coração dos homens. Todas as angústias que marcaram as horas dolorosas de quem não foi feliz desaparecerão enquanto a esperança alentar o desejo inútil da ilusão. Esta durará até o instante do desengano irremediável. Então, morrerá, também, a esperança. E os homens, desalentados, mas incorrigivelmente conformados, continuarão aguardando a miragem de um novo ano, com a ilusão, o sonho, a confiança e a paciência que a resignação impõe.

* * *

Mas este ano de 1943 surge com as primícias de uma felicidade que talvez retempere e conforte o gênero humano. Ele nos acena com esplêndidas conquistas nos domínios do pensamento. Promete-nos a tranquilidade com a vitória da justiça. Entre-mostra-se disposto a resistir às investidas da fúria sanguinária dos povos semi-bárbaros que tentam destruir o sentimento do mundo. E até se compromete a castigar os inimigos da civilização e da liberdade.

1942 foi triste e funesto para nossa Pátria, que sofreu, sem fazer mal a ninguém, as agressões nazistas à sua frota mercante e a perda de vidas inocentes sacrificadas pela crueldade assassina dos submarinos alemães.

Fomos, por isso, arrastados à guerra que Adolfo Hitler, para satisfazer à sua ambição desmedida, desencadeou sobre o mundo. Nossa vida de povo sereno e feliz alterou-se sob os imperativos da situação e tudo, para nós, mudou em face das necessidades brasileiras.

Até o ódio a guerra nazi-fascista veio semear nesta terra sem fel.

* * *

Penetramos em 1943 com um saldo de amarguras que esperamos descontar este ano. Deus não nos abandonará, e estamos certos de que venceremos as aflições desta hora infausta da vida nacional.

* * *

A nossa manhã desponta radiosa no deslumbramento das esperanças brasileiras. Não há lugar para pessimismo nas cores vivas e alegres desta alvorada rutilante. Se a guerra ainda não terminou, vemos que diminuem o ímpeto e os efeitos da máquina de destruição armada contra o mundo pelos sicários da barbárie contemporânea. Hitler já se confessa enfraquecido. Já teme os arautos da democracia.

E' o triunfo que se anuncia na luz matinal deste ano da fraternidade e da paz. E' a vitória dos princípios humanos da liberdade e do amor. E' o crepúsculo da opressão que se acentua com o amanhecer da justiça.

M A R T I N S C A P I S T R A N O

O perfeito

CONTO DE

ENQUANTO, em torno, o salão enlouquecia de contagiante alegria, diante dos olhos de Revfalvy passou um negro e lento fantasma semelhante a um bando de corvos no céu outonal: o pressentimento obscuro e angustioso de que a senhora Elsa o trairia, e mesmo antes de ser sua esposa.

Revfalvy apoiou-se à parede, e olhou com aparente indiferença os casais que dançavam. Ordenou aos músculos de seu rosto que refletissem uma expressão de sonolência. Entretanto, tremiam-lhe de excitação os braços, que tinha cruzados, e sentia na garganta o bater tumultuoso do coração. Bocejou. E se pudesse esmagaria aquele mundo resplandecente e ébrio de cuja maldade só agora se convencia.

Mas, no fundo, que havia sucedido de tão grave? A mulher dançava. Não fazia senão isso. No entanto, quanto exprimia sua maneira de dançar! A mulher girava em um mesmo ponto, com o rosto afogueado, formosa e vibrante como já uma vez a filha de Herodes. Ele a vira dançar pelo menos uma centena de vezes, mas nunca assim. Não falava com seu companheiro: mas mostrava-lhe seus belíssimos dentes em um sugestivo sorriso e tinha os olhos cravados nos olhos dele, ostensiva e obstinadamente, como em uma constante interrogação.

Sob o efeito daquele olhar, os olhos do companheiro se haviam iluminado, e também seu rosto se iluminou. Qualquer pessoa podia compreender que aquela mulher se apaixonara por seu par, e que não se preocupava em esconder esse sentimento, ou não podia. Elsa, fria, audaz, perigosa, agora se apaixonava totalmente, como uma colegial, por um homem a quem uma hora antes não conhecia.

Esse homem era Dolovay, velho amigo de Revfalvy. Uma figura interessante. Aventureiro



Revfálvy e Dolovay

D ERENC HERCZEG

e grão-senhor, a um tempo. O homem que vencera pela audácia. Orgulhoso, valente, implacável, ao mesmo tempo, ingênuo, nobre e magnânimo. Um desses homens poderosos, de temperamento dividido em dois, que arrastam para si as mulheres como um abismo as águas de um rio.

REVFÁLVY olhou a mulher: e compreendeu. Elsa nunca tinha amado a ninguém. Nem sequer a ele. Só a vaidade e a ambição — e não por certo o amor — a levaram a deixar seu primeiro marido, o velho médico. Abandonara aquele pobre homem, a quem não amava, para poder pertencer ao jovem e rico Revfálvy, a quem também não queria. Com o coração impassível e a mente fria arrancava acordes do sentimento dos outros como o artista do instrumento. Ninguém arancara uma nota de seu coração e até o pecado nela talvez fôsse cálculo. Agora, porém, ao contacto do novo amor, do primeiro amor, se abandonara completamente. E o que antes era sua força constituía, agora, sua fraqueza. Talvez soubesse que Dolovay se divertia com ela como Elsa com os outros. Talvez suspeitasse que o divertimento com Dolovay só podia ser perigoso para ela. Mas não podia agir de outra maneira. Devia deixar-se levar ao abismo: e abertamente e quasi desafiadora.

Revfálvy foi invadido por uma onda de dolorosa amargura quando comparou o que a mulher sentira por ele com o que sentia por seu amigo. Elsa estava perdida para ele. Definitivamente. Talvez ela mesma não o soubesse, mas ele via claramente. Nem a violência, nem a astúcia, nem a súplica serviriam de nada. Não podia competir com Dolovay. Aquele homem era mais forte e mais nobre: uma obra prima. E ele, uma caricatura. Aquele homem sabia governar uma mulher a quem todos obedeciam. Pensou, por um instante, que talvez pudesse contar com a generosidade do amigo. Dizer-lhe: "Deixa-me essa mulher. Para ti ela é um passa tempo. Para mim é tudo." Ou, então, dizer a ela: "Eu me casarei contigo. Prometi-to. Não era isso o que querias? Por que, então, destroes teu próprio projeto? Não sabes que Dolovay não faria isso por ti?... Estás apaixonada por ele?... Mas, que significa o amor para ti?"

E quando, com os olhos perdidos, tornou a seguir a dança de Salomé (de Salomé que receberia como prêmio sua cabeça), passou-lhe pela retina uma visão dos tempos idos.

O fato ocorrera no ano anterior, quando Elsa ainda era a mulher desse médico de província que convidara Revfálvy para ir a sua casa sem suspeitar o que esse convite lhe acarretaria. Depois do café, o médico fôra chamado a atender a um caso urgente, e Revfálvy ficara a sós com a mulher. E ela lhe sorria da mesma forma como agora o fazia a Dolovay, e seus olhos procuraram os dele, tenazmente, como agora os de Dolovay. E aquele olhar que interrogava o havia impellido a falar com um ardor que julgaria ridículo meia hora antes.

— E só porque me ama quer levar-me á perdição? — respondera-lhe ela, o rosto nublado, mas cálida a voz.

— Amo-a e estou resolvido a fazê-la minha esposa.

— Sentia que a mão de Elsa oprimia a sua, fortemente... Mas quando procurou atrair para si a jovem senhora, esta o repeliu, delicada mas firme.

Depois, o escândalo. Quando Elsa comunicou ao marido sua repentina decisão de divorciar-se, o velho médico, tomado de surpresa, deixou-se vencer pelo desespero e humilhou-se aos pés da mulher, na esperança de comovê-la. Depois começou a injuriar, desafortadamente, o rival. E, por fim, vendo que as súplicas não venciam a mulher, se indignou e ameaçou...

(Conclue na página seguinte)



...MAKIL é UM SONHO DE BELEZA QUE SE TORNA REALIDADE EM CONTACTO DE SUA PELE...



MAKIL, a última palavra da cosmética francesa, dará á sua cutis o frescor da mocidade...

Aplicando diariamente, durante 5 minutos, MAKIL, sua cutis ficará suave e lisa como pétala de rosa. Um dos grandes segredos de MAKIL consiste no desenvolvimento de oxigênio ativo, em contacto com a cutis.

MAKIL não é água de beleza, nem porcelana para o rosto. Em vez de encobrir os defeitos da cutis, MAKIL elimina-os completamente.

MAKIL evita o afrouxamento da cutis, faz desaparecer as rugas, anima e favorece a circulação do sangue.

À venda nas PERFUMARIAS CARNEIRO, CASA BAZIN, PERFUMARIAS LOPES, CASA CIRIO, A GARRAFA GRANDE, CASA SLOPER, PARC ROYAL, DROGARIA SILVA ARAUJO, CASA TURUNA, e, em Niterói, na PERFUMARIA CENTRAL.

Distribuidor: A. Barroso de Mello, Caixa Postal 1765. Rio.
Telefone 42-15-87.

Agora, Revfalvy encontrava-se na mesma situação do médico. Devia escolher entre as três probabilidades que se oferecem ao namorado traído: ou cair no ridículo, ou inspirar piedade, ou fazer-se odiar. Sentiu frio, como se uma rajada de vento glacial o tivesse envolvido. Notou que estava pálido de ira e que quem quer que o olhasse poderia ler-lhe o coração. E muitos o olhavam. Então, deixou o salão de baile e entrou no bar.

A jovem que atendia serviu-lhe

O PERFEITO CAVALHEIRO

(Conclusão)

uma taça de champagne. Revfalvy bebeu, e o sangue subiu-lhe, rapidamente, á cabeça, e a música, de repente, deixou de soar-lhe aos ouvidos. Sua mão deixou cair com força a taça vazia. Ao ouvir o sonoro ruído de cristais quebrados, a moça do bar, um pouco assustada, olhou Revfalvy

no rosto. Revfalvy mordeu os lábios e procurou sorrir.

— Acabo de beber á saúde de uma mulher bonita... E não queria que ninguém, com a mesma taça, pudesse beber á saúde de nenhuma outra...

Riu, também a jovem, então, reciosa do homem...

Revfalvy mirou-se no grande espelho da parede. Ridículo? Digno de piedade? Odioso? Nenhuma dessas três cousas. Mesmo que fôsse ao preço de sua vida. Não diria nada a ninguém, mas que ninguém pudesse olhá-lo nunca com piedade. E se não devia mostrar-se fraco para com seus amigos, muito menos com aquela mulher.

SABIA exatamente como comportar-se quando, com andar desenvolto, regressou ao salão de baile.

A orquestra estava silenciosa, agora, e Elsa passeava pelo braço de seu companheiro, na parte oposta do salão, como se houvesse querido evitar encontrar-se com Revfalvy. Seu porte, em geral altaneiro, havia perdido toda a sua orgulhosa ousadia. Dir-se-ia que houvesse nela, agora, algo de mais suave, de mais terno, de mais feminino. E, com os cabelos um pouco soltos e o rosto ardente, estava mais adorável que nunca.

Quando Revfalvy chegou diante do casal, o rosto de Elsa ensombrou-se um pouco.

— Sinto-o muito, senhora — disse-lhe Revfalvy, com voz rouca, mas sorrindo como para pedir desculpas. (Diante de toda gente, ele sempre havia tratado com muita urbanidade essa mulher divorciada.) — Sinto-o muito, mas acaba de chegar minha mãe á cidade e mandou chamar-me ao hotel. Deve tratar-se de coisa muito importante e creio ser de meu dever não fazê-la esperar...

— E... eu? — perguntou Elsa, nervosa.

— Dolovay é um velho amigo meu, e suponho que a senhora pode aceitar, confiantemente, sua companhia...

Elsa ruborizou-se levemente. Depois, olhou rapidamente seu cavalheiro e estendeu a mão a Revfalvy. A despedida foi mais prolongada e afetuosa que de costume, talvez porque ela achava que Revfalvy merecia alguma recompensa...

— Lamento que nos abandone... E quando tornarei a vê-lo?...

— Amanhã ao meio dia irei cumprimentá-la. Mas com uma condição...

— Ah! Impõe condições?

— Que tenha a gentileza de permitir-me levar comigo Dolovay. Fazia tanto tempo que não o via, que não quero privar-me, agora, de sua companhia nem sequer por um minuto...

Surpreendida, desorientada, a mulher olhou Revfalvy nos olhos. Mas nestes não pôde descobrir senão a presença de uma terna alegria.

Revfalvy inclinou-se e saiu.

Elsa e Dolovay começaram seu passeio pelo salão, em silêncio. Dolovay sentia no coração o peso de uma inexplicável angústia. Elsa estava como que submersa no excesso de liberdade adquirido sem que o pedisse, e parecia sentir-se acovardada.

Revfalvy, entretanto, descia a escada. Lento, medindo cada um dos degraus, amargurado e abatido, e como se cada um dos degraus que ficava atrás aumentasse a distância que havia entre ele e sua felicidade perdida.

Quando se viu sentado em seu automóvel, pensou:

— Aquele que puder retirar-se da presença de seu rival feliz sem parecer nem ridículo, nem odioso, nem digno de piedade, terá superado a prova de fogo do perfeito cavalheiro. Mas como é difícil, às vezes, mostrar-se cavalheiro perfeito!

A honra e os interesses mais sagrados do Brasil exigem, imperativamente, na hora que passa, uma atitude serena e intransigente de defesa dos brios legítimos do nosso povo. Contribua, na esfera de sua atividade, para maior firmeza do espírito de guerra em que nos achamos. (Segundo Congresso de Brasília).

UM NÔVO PASSO

... para se livrar da
Transpiração



CRÊME ODO-RO-NO

Impede a transpiração de um a três dias.

Não é gorduroso nem áspero

Não irrita a pele.

Não estraga seus lindos vestidos.

Conserva-lhe

Fresca como uma flor.

E rende mais

Por um preço igual.

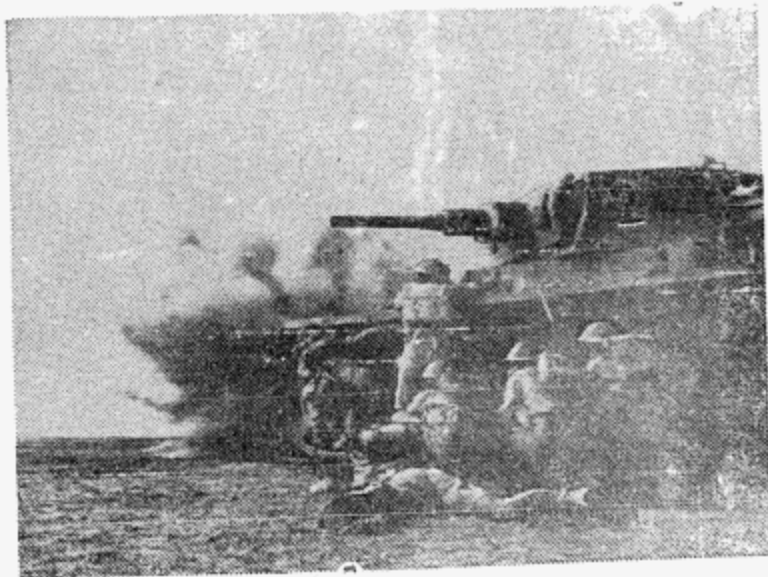
A senhora gostará de usar
o Crème Odo-ro-no—
É outra tranquilidade!



A LUTA NA TUNISIA

FORÇAS blindadas anglo-americanas desfecham um violento ataque às defesas do Eixo, nas proximidades de Tunis. O tanque que lhes serve de abrigo é um carro de assalto nazista destruído pela aviação norte-americana.

(Foto da Inter-Americana).

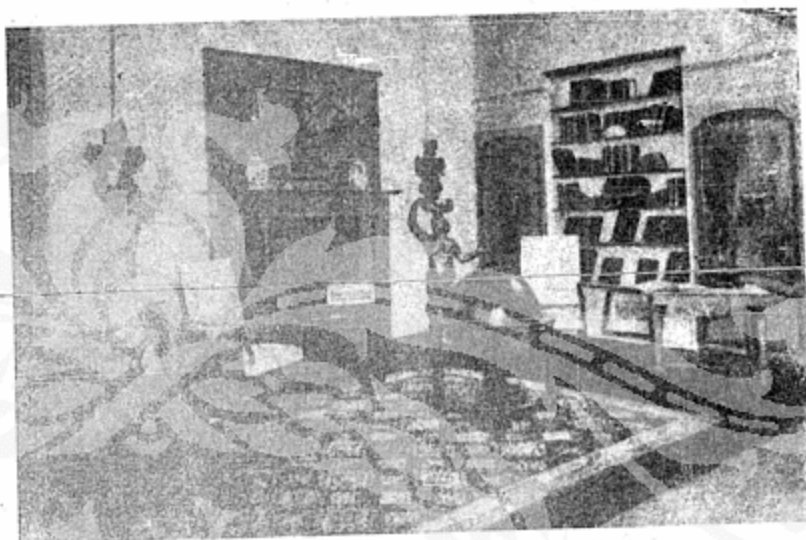


PÁGINA DO LAR

CONFORTO DE SÉCULOS PASSADOS

Este original conjunto está combinado em tons azues e paredes brancas. As poltronas são de couro amarelo limão. A mesa, de acajú.

Aplicações de bronze.



IDÉIA DE OBRIGAÇÃO

A idéia da obrigação nasce imediatamente da do bem, porque este princípio tem o caráter especial de apresentar-se não só como verdade à inteligência, mas também como mandato à vontade. Quando se diz que o bem é obrigatório, apenas se quer expressar que nos consideramos na necessidade de cumpri-lo, sem estar forçado a fazê-lo. Os meios adequados ao cumprimento de nosso fim formam uma série de subordinação, uma reta invariável, fora da qual não há caminho que conduza ao bem.



Inspiradas em motivos bíblicos, estas duas estatuetas de cerâmica podem destacar-se elegantemente em uma vitrina ou estante descoberta.

O QUE A DONA DE CASA DEVE SABER

PARA tirar as manchas de iodo da roupa branca submerge-se a parte manchada em uma vasilha que contenha um pouco de amoníaco. A mancha desaparecerá imediatamente, e então a fazenda deve ser enxaguada com água pura. Cumpre notar que isso não prejudica a roupa, pelo que não se deve ter o menor receio.

As papas, como as massas, o pão e as verduras, mantêm o equilíbrio necessário entre os princípios nutritivos do regime habitual, trazendo os hidratos que faltam à carne, aos ovos e ao leite.

Para que as chaminés funcionem bem nos dias úmidos, em que a fumaça costuma invadir os compartimentos da casa, colocam-se sobre o ático um ou dois jornais desdobrados e ligeiramente enrugados, ateando-se-lhes fogo. Baixa-se imediatamente o bastidor metálico da chaminé, o que facilitará a saída da fumaça. As chamas esquentam a coluna de ar úmido, que a princípio retinha o

fumo, e o fogo se acende, então, sem a menor dificuldade.

As panelas perdem o cheiro de outros alimentos anteriormente preparados nelas, fervendo nelas mesmas um pouco de vinagre.

O pergaminho limpa-se facilmente com uma esponja embebida em benzina, pois as manchas desaparecem totalmente sem que o pergaminho se altere em coisa alguma.

BEBIDAS REFRESCANTES

LIMPAR cem gramas de amêndoas doces, que se amassa em água fria até formar uma pasta. Dilui-se esta com água, ajuntando-se-lhe setenta e cinco gramas de açúcar. Perfumado o líquido com algumas gotas de água de flor de laranjeira, constitui uma excelente bebida para os dias de calor.

Açúcar moído, 5 gramas; bicarbonato de sódio, 1 grama. Deita-se uma colherada de água e deixa-se dissolver. Ajuntam-se, depois, umas gotas de sumo de limão ou de vinagre. Esta bebida efervescente é, também, recomendável como refresco.

Conselhos às mães

Dr. Rinaldo de Lencastre

(Doc. de Clin. Infantil e de Medicina e do Inst. de Puericultura da Universidade do Brasil)

POR 10 RAZÕES CHORA O BEBÊ

DE todos os sintomas que pode apresentar a criança, no primeiro ano de vida, o choro é, talvez, o que maior aflição provoca. Logo após o nascimento, ainda quando a jovem mãe guarda o leite, e o seu querido primeiro filho chora, ela chora também, certa, naturalmente, de que ele está em má situação.



O choro é, antes de tudo, uma manifestação de inteligência da bebê, já que ele não fala, não gesticula, e a única maneira de que dispõe para se comunicar com o ambiente é chorando. Sendo assim, antes de tudo é preciso que os pais procurem compreender o choro de seu filho, e interpretá-lo. Uma criança não chora inutilmente; tem motivo para fazê-lo. Qualquer coisa se passa que não lhe agrada, e ele então protesta; é o sinal de alarme.

Quando escrevemos, em fins de 1941, o nosso livro "A VIDA DO BEBÊ", colecionamos as mais prováveis causas do choro.

1.º **Fome.** O que mama não lhe satisfaz. Quer mais, embora grande parte das vezes tudo indique que o volume da refeição é mais que suficiente. Entretanto, as necessidades alimentares são maiores, e elas variam extraordinariamente de criança para criança.

2.º **Sede.** Sobre tudo no verão e à noite, dar uma mamadeira de chá preto, chá de erva doce, ou água fervida, de acordo com a preferência, é boa prática.

3.º **Cólicas.** Especialmente nos que são alimentados com leite de peito. Às vezes não é fácil debelá-las. Mas, após observação cuidadosa e modificando a acidez intestinal, sempre temos conseguido vencê-las.

4.º **Umidade.** O bebê é inimigo da umidade, e são poucos os que, quando urinados, não gritam logo, e só se aquietam quando se muda a fralda...

5.º **Calor ou frio.** Agasalho em excesso ou em deficiência; apenas o necessário, de acordo com a temperatura do dia ou da preferência do bebê.

6.º **Posição.** Muita vez a simples alteração da posição é suficiente para parar o choro.

7.º **Prurido (coceira).** Apenas o movimento de pô-lo ao colo por uns minutos é o bastante para aquietá-lo.

8.º **Nervoso.** São os piores, e quase sempre, depois de exgotados todos os cuidados aconselhados, só se calam com um sedativo (luminaleta), o que se deve evitar, porém; o abuso diário e constante, de quando em quando, entretanto, é muito mais útil do que prejudicial.

9.º **Doença.** Quando tudo o que dissemos não resolve, é provável que haja doença (otite, gripe, dor de garganta, etc.), e isso dá um mal estar indiscutível.

10.º **E... a manhã.** Nesse caso a culpa não é do bebê, e sim dos pais, que o criam sem disciplina. Levando o dia todo de colo em colo, satisfazendo ao capricho dos outros, sempre com barulho, sem o repouso necessário, o bebê acaba exgotado, nervoso, manhoso...



VIVA ALEGRE E FELIZ...

• Usando o maior protetor da saúde feminina

REGULADOR SIAN

RECORTE ESTE AVISO

ANTIGO PREPARADO INGLES PARA ATURDIMENTO E ZUMBIDOS DOS OUVIDOS

Se V. S. conhece alguma pessoa que sofra de congestão catarral ou aturdimiento, recorte este aviso e leve-lho.

O catarro, o aturdimiento e a dificuldade de ouvir são provocados por uma enfermidade constitucional. Por essa razão, dedicou-se muito tempo ao estudo de um tônico suave e eficaz para combater os males causados pela afecção catarral. E esse remédio, cuja fórmula está plenamente vitoriosa e tem proporcionado alívio a muitos sofredores, é conhecido sob o nome de **PARMINT** e está à venda em todas as farmácias e drogarias.

Logo nas primeiras doses, **Parmint** alivia a cabeça, a congestão e o aturdimiento catarral, enquanto o ouvido se restabelece prontamente. A perda de olfato e a descida do catarro para a garganta são outros sintomas da afecção catarral que se combate com **Parmint**.

Sendo muitos os males do ouvido provocados diretamente pelo catarro, pode-se evitá-lo com **Parmint**.

CABELOS BRANCOS

CONTRA A QUEDA DOS CABELOS

CASPA PREMATURA CALVICIE

JUVENTUDE ALEXANDRE

**THERMOMETROS
PARA FEBRE**

"CASELLA"

LONDON

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO



UM PROGRAMA FEMININO

A VOZ DA BELEZA É O SEU PROGRAMA FEMININO, LECTORA BONITA, POIS NELE OUVIRÁ CONSELHOS SOBRE BELEZA, ELEGANCIA, MODAS, ETC.

É O PROGRAMA DA MULHER FEITO PARA A MULHER.

DIARIAMENTE, ÀS 13,30 NA

RADIO NACIONAL

DIREÇÃO DE LÉA SILVA



O segredo

do toucador depende de certos cuidados — cabelos ondulados, sedosos e isentos de caspa — que se obtém usando.

LOÇÃO

Phenomeno

PERFUMARIA JARRÉ - RIO

O mundo que eu vi...

DE

ILZA MONTENEGRO

PELA estrada infinita do Tempo, um velhinho de longas barbas brancas e cabelos branquinhos também, espanejando ao vento como um lenço a agitar-se num prolongado adeus, seguia, a passos tropegos e incertos, apoiado ao seu bordão. O semblante pálido e os olhos baços espelhavam fadiga e amargura. Exausto pela caminhada longa, parou, passou a mão enrugada e trêmula pela fronte, circunvagando o olhar doentio e triste pela imensa planície, em busca, talvez, da sombra amiga de uma árvore onde pudesse dar um pouco de repouso ao seu corpo alquebrado pelo cansaço. Porém, não havia em toda a extensão que seu olhar sem luz abrangia essa árvore bendita.

Um ruído de passos quebrou o silêncio daquele lugar deserto e surge o vulto de um menino de faces rosadas, olhos imensamente verdes e os cabelos tão louros que pareciam ter sido feitos de fios de ouro e raios de sol. Ao ver o velhinho suspirar arquejante, sem forças para obrigar suas pernas trêmulas a reiniciar a caminhada, aproxima-se.

— Como parece cansado, pobre velhinho! Para onde vai?

— Para além... para além — diz o ancião, fitando a curva azul do horizonte onde o céu e a terra pareciam unir-se.

Havia muita amargura na sua voz, mas o menino, não resistindo à curiosidade peculiar à sua idade, começou a fazer-lhe mil perguntas:

— De onde vem? Quem é?

— Do mundo! Sou o Ano Velho. Deixei meu nome gravado no calendário, marquei mais uma fase na Idade Contemporânea, e, muito contra, minha vontade, fiz com que os Homens dessem mais um passo para a Eternidade... E você, garoto, para onde vai?

— Que coincidência! Pois eu vou para o lugar de onde você vem. Vou substituí-lo: sou o Ano Novo. Já que o acaso nos fez encontrar, conte-me o que há por lá. Dizem que os homens são tão maus...

— Sim, meu filho. Não há nada pior que a maldade humana. Nem sei como descrever-lhe o mundo que eu vi. A guerra, esse monstro feroz, embruteceu as almas e os homens estão destruindo-se. A Ambição, A Inveja e o Egoísmo de alguns homens provocaram o ódio de outros e agora toda a Humanidade se degladia num desejo único: matar e destruir. Misturou-se o sangue de inocentes e culpados, de bons e maus, empapando o solo, fazendo germinar apenas dores, lágrimas, desespero, angústia. Quando cheguei, já os Cavaleiros do Apocalipse andavam devastando tudo! Entrei no Calendário cheio de esperanças de que levaria a Paz para esse mundo exausto de tanto sofrer. Mas a minha desilusão foi grande. Vivi 365 dias, que me pareceram 365 séculos de angústias e amarguras. Envelheci rapidamente e agora, terminada a minha tarefa, caminhei para o meu último estágio... Para as sombras do Passado...

O menino louro ficou pensativo alguns instantes, mas logo sua fisionomia se iluminou. Seus olhos pareciam duas esmeraldas rutilantes. Sorrindo disse:

— Sinto muito, meu velho, que suas esperanças se tenham transformado em desenganos. A fé, que o iluminou, encoraja-me também. Ela é, talvez, mais forte, mais rija, mais profunda! Como os homens, tenho também a minha ambição. Quero mar-

car uma época inextinguível e gloriosa com a minha passagem. Hei de fazer com que se calem os canhões e cesse essa guerra monstruosa! Farei secar as lágrimas, voltar os sorrisos aos lábios dessa gente sofredora e a alegria aos seus corações espezinhados pela aflição e pelos sofrimentos. Tenho a intuição de que sou um Predestinado, o Precursor de uma Nova Era, e que a mim serão dadas as chaves de ouro com que abrirei, para o mundo, as portas de um Futuro melhor. Vê este ramo de oliveira? E' o emblema da Paz e o trouxe para oferecer-lo à Humanidade.

Eu não serei Gesiludido, porque levo aos homens aquilo pelo que mais anseiam neste momento: a Paz, a Tranquilidade!

O velhinho sorriu amargamente, deixando transparecer uma sombra de dúvida, quasi de ironia, no seu olhar tristonho.

— Sim, meu filho, é possível que a sua mocidade e a esperança que o anima sejam seu escudo para a vitória. Eu também tive essas idéias quando era da tua idade. Também já fui jovem, tive ilusões e lampejos de ardor e entusiasmo no coração. Mas... tudo cessou. Meu desengano foi maior que o meu sonho... Mas... já se faz tarde. Precisamos seguir.

O menino louro olhou-o com um pouco de piedade, e abraçando-o com carinho repetiu:

— Sim, precisamos prosseguir...

Despediram-se, reiniciando cada qual sua marcha através do Tempo:

— Adeus, Ano Velho!

— Felicidade, Ano Novo! Muitas felicidades!

SER MEDICO...

(Ao dr. Luiz do Rego, com toda a minha amizade).

Ser médico é ser bom. E' ser um Ser humano Na acepção da palavra. E' ser caritativo. E' praticar o bem, sem nunca achar motivo Para não acudir de qualquer doença ao dano.

E' ter caráter nobre. E' ter um trato lhano. E' ter desprendimento. E' dar o lenitivo Ao pobre que padece. E' ser, assim, cativo Da sua profissão, sem nunca ser tirano.

Ser médico é possuir o espírito de um santo Que nele se encarnou para enzygar o pranto De quem, mesmo infeliz, a vida tem apêgo.

Ser médico é ser, pois, um Ser privilegiado. E' ser um semideus, por nosso Deus louvado.

— Ser médico, afinal, é ser um Luiz do Rego!

JOÃO LOPES DA SILVA



CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINA A CASPA. EXITO GARANTIDO

Informações e pedidos: R. Sousa Dantas, 23 — Rio.

2-1-1943

FON - FON



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

EM TUBOS DE 20 COMPRIMIDOS

DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA.

Rua Miguel Couto n.º 28 — Rio de Janeiro

PR C 7 - Sociedade Anonima

RADIO MINEIRA

Frequencia 690 Kilociclos

Onda 434,8

ESTUDIOS

Avenida Augusto de Lima

TELEFONE: 22-445

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

SUPER CERA

G O S C H

PARA SOALHOS

Usando-a uma vez por mês terá o soalho sempre brilhante.

— 11 —

Notas de arte

AUDIÇÃO DE ALUNAS DA PROF. RUTH VALLADARES CORREIA. — Na sala de concertos do Conservatório Brasileiro de Música realizou-se na tarde de hoje, 5^a-f., 17 de dezembro uma audição de alunas da professora de canto desse Conservatório. Ruth Valladares Corrêa, de que participaram 17 discentes, acompanhadas ao piano pelas professoras Lourdes Vallier e Delzieth F. Sotto Mayor.

Pareceu-nos — mesmo julgando de acordo com o critério muito relativo com que devem ser julgadas audições de alunas — a maioria destas devia estudar mais para apresentar-se em público. Contudo, da minoria apresentável apresentada, distinguimos: Lol-le Penno, que, sendo embora das mais atrasadas, revelou possuir voz de timbre pouco vulgar, cantando — *Analogia*, de Milanez, e *Ninna Nanna*, de Ferindelli; e Priscilla Rocha Pereira, que, além de mostrar voz bastante agradável, apresentou apreciável cultura vocal, cantando com sensibilidade comunicativa — *Canto Noturno*, de Aloysio de Castro e *Sans amour*, de Chamade. Foi para nós a maior figura do vespéral. Após é a justiça destacar também, em ordem decrescente, Emmanuel Nunes Ferreira, que cantou — *Olhos tristes*, de Barroso Netto e *Les deus grenadiers*, de Schumann, número este que colocou o intérprete em plano semelhante ao da intérprete de *Canto Noturno* e *Sans amour*; Maria de Lourdes Barbosa Rodrigues, que deu apreciável relevo a *Revelação*, de Paracampo e a aria *Un bel di vedremo*, da op. "Mme. Butterfly", de Puccini; Elizabeth Prado Esberard, que pela frescura da voz e a naturalidade impressa ao canto deu belo realce a — *O luar do minha terra*, de Alberto Costa, e a aria de Miacela da op. "Carmen", de Bizet — *Je dis que rien ne m'épouvante*; Lola Martins em — *Paraninar*, de P. Barroso e *La Paloma*, de Tradur; Maria de Lourdes Formagil, em *Oisnes*, de Alberto Costa; Lucia Marques Braga, em *Toada p'ra você*, de Lourenço Fernandes; Delziette F. Sotto Mayor na aria de Kaled da op. "O Rei de Lahore", de Massenet.

Com todas as restrições e repa- possa merecer, não há er mostrado a audição esforço em prol da arte isileira de que é um dos s mais aplaudidos, a Prof. lladares Corrêa.

TA CUNHA SILVEIRA. panhada ao piano pelo maestro brasileiro José Torre, e em alguns números pelo flautista nacional Moacyr Lisserras realizou no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, na noite de hoje, 5^a-f., 17 de dezembro,

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

E saltará da cama disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 3\$000.




o seu anunciado recital de canto em homenagem a Mme. Cecy Dodsworth, esposa do Pref. do Distrito Federal — a srta. Luíza Cunha Silveira, aluna da sra. Gabriela Bezanzoni Lage do maestro Boscacci, fazendo-se ouvir nos números deste programa, além de dois ou três extras: I) GLUCK — *O de ma douce ardeur*; AUBER — *L'éclat de rire*; CHOPIN — *Tristesse éternelle*; J. BENEDICT — *Carnaval de Venise*; II) BELLINI — *Ah! Non credea mirarti*, aria da op. "Sonambula"; MASSENET — *Obéissons quand leur voix appelle*, gavota da op. "Manon"; VERDI — *Caro nome*, aria da op. "Rigoletto"; III) MIGNONE — *Flor Andaluza*; P. BARROSO — *Historieta*; LORENZO FERNANDEZ — *Noite de Junho*; BARROSO NETO — *A um coração*.

O recital de Luíza Cunha Silveira foi bela prova de que o Brasil conta mais uma candidata à carreira lírica com grandes possibilidades de triunfar, quer como camerista, quer como cantora de ópera. Mostrou-o através de escolhido e significativo programa. Tudo cantou naturalmente, sem artifícios, revelando boa voz e sensibilidade comunicativa. Soprano ligeiro pela extensão mas tendo algo do soprano lírico pelo volume, é possível que mais tarde com o exercício do canto, diminua a extensão e aumente o volume, convergindo à formação definitiva de um soprano lírico-ligeiro, de voz redonda e macia, livre das estridências peculiares à maioria dos sopranos exclusivamente ligeiros.

Allando a jovem estreante à beleza vocal, boa escola de canto, os agudos e superagudos são quase perfeitos. *Caro nome* demonstrou-o bastante. Foi bela edição da famosa aria do "Rigoletto".

Carnaval de Veneza e *Historieta* patentearam especialmente o grau adiantado da sua arte de cantar, vencendo galhardamente as dificuldades dos vocálicos nos diálogos entre a voz e a flauta.

Imprimiu também a inteligente intérprete estimável expressão emotiva a tudo o que cantou. Sob esse aspecto destacamos particularmente — *Tristesse éternelle* e a *Gavota da Manon*.

Em resumo, belo início de uma auspiciosa carreira lírica.

O auditório que enchia o Salão Nobre da E. N. M., e onde figurava a ilustre dama a quem era consagrada a audição, saudou numerosa e abundantemente a recitalista, pedindo e obtendo extras e bis, que foram alvo dos mesmos intensos aplausos dos números do programa. Flores muitas ornaram também a vitoriosa estréia.

(Conclue na pág. 20)

SUPER CERA
GOSCH Usando-a uma vez por mês terá o soalho sempre brilhante.

Insinuante harmonia de perfume

Muito depende o encanto feminino da harmonia... harmonia nas cores da sua toilette... nos tons do seu bonito "maquillage"... harmonia até entre os perfumes dos seus produtos de tocador.

Em conjunto na toilette feminina, o Po de Arroz A Suma e a Colônia Perfumada A Suma tornam mais intensa a fragrância que envolve a mulher, desprendendo dos seus encantos uma insinuante e sedutora harmonia de perfume.



Po de arroz — Agua de Colonia

A SUMA

Coty

UM SÓ PERFUME PARA SEU TOCADOR — Dê harmonia aos produtos do seu tocador. Se a Sra. elegeu A Suma como seu perfume, lembre-se que Coty também possui Loção, Sabonete e Brilhantina com a fragrância de A Suma.

FON FON

Feminino

desenhos de
J. LUIZ

DIREÇÃO DE HÉLÈNE

"Deux-pièces" de jersey
de lã quadriculado. Saia
enviezada, inteiramente
pregueada. Jaqueta lon-
ga, cintada, com bo-
tões fantasia.

FON - FON

2 - 1 - 1942

— 14 —





"Deux-pièces" para passeio, de seda meio fosca, azul-hortensia. Saia "godet". Jaqueta com um pano na frente, guarnecido de botões forrados da mesma seda, prendendo franzidos. Gola de fusão e mangas longas.

Costume de fina lã ou seda pesada, listrada. Saia enviezada com as listras bem casadas. Casaco cintado por "pínies", com lapelas de gorgorão branco.

Galeria  Carioca
DE MODAS

NOVIDADES PARA O VERÃO
Ouvidor — Gonçalves Dias



Vestido de seda meio-fosca, cinzento-azulado. Saia presa acima da cintura, com grande macho na frente e "pincos" que lhe dão muita graça. Corpo liso, de gola-alta, com as mesmas "pincos" modelando o decote.

Vestido à guiza de "deux-pièces" de seda negra com a frente pregueada a máquina, pelo avesso. Saia com ligeiro franzido dando roda na frente. Corpo transpassado.

Modelo esportivo, de seda branca. Saia "godet". Corpo com pespontos gênero correeiro tendo na frente pequeno "fecho-éclair". Cinto de camurça no mesmo tom do vestido.



Gracioso modelo de seda "bordeaux". Saia "en forme" com um pano embutido na frente. Corpo recortado. Gola de seda azul-pastel com pespontos no tom do vestido.

"Deux-pièces" de seda amarelo-limão. Saia de quatro panos mais largos na barra. Jaqueta com pala e duas abinhas à guiza de bolsos. Botões forrados da mesma seda.

Vestido de linho e seda azul-hortênsia. Pala reta e decote quadrado na frente. Duas "pince" no corpo dão folga ao busto. Saia de quatro panos com machos batidos nas costuras.



confeções
para
crianças

R. OUVIDOR, 141
TEL. 42-7300



Para a praia apresentamos três graciosos modelinhos:

— O primeiro, de fustão azul-claro, com aplicações de fustão azul mais forte, presas a ponto de fustão.

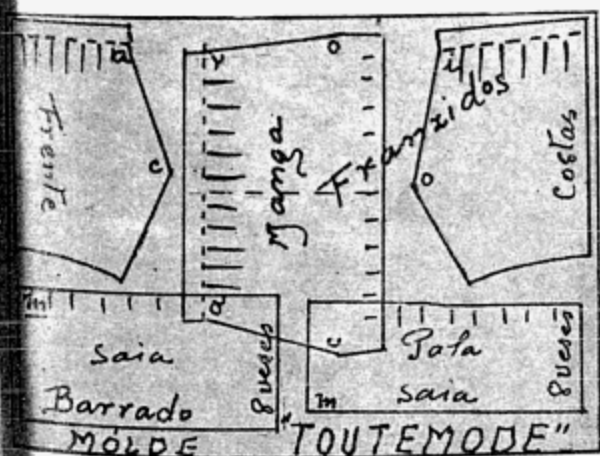
— O segundo, de trolalco branco bordado a fio brilhante vermelho.

— O terceiro, de tecido estampado enfeitado com "sinhaaninha" no tom da estamparia.

O Modelo da Semana



GINNY SIMMS, artista exclusiva da RKO Radio, oferece às leitoras de FON-FON este belo modelo, que deve ser confeccionado em fazenda azul-pálido. Blusa sem gola; saia lisa; cinto da mesma fazenda e botões azues. Bolsos bordados com flores em relevo. Acessórios marrom escuro.



A MAIS BELA MOLDURA PARA UM ROSTO DE MULHER



De fato, além de ser o mais natural, o penteado é o adorno mais agradável que a mulher pode ostentar. Mas para mantê-lo sem empastar os cabelos, protegendo-os desde a raiz e tornando-os sedosos e macios, é necessário usar um óleo puro e cientificamente preparado como o Óleo de Lima, isento de goma e gordura.



ÓLEO DE LIMA
FIXA O CABELO SEM EMPASTAR

DE HOLLYWOOD

HARRY SHANNON, artista veterano dos palcos da Broadway, e que figurou em vários filmes, há alguns anos atrás, aparecerá, agora, sob a Marca das Estrelas em «True to Life» — produção interpretada por Mary Martin, Franchot Tone, Dick Powell e Victor Moore.

Enquanto aguarda a ordem de engajamento no corpo de Fuzileiros Navais de Quantico, na Virgínia, McDonald Carey aparecerá como parceiro de Betty Rhodes, no estonteante romance musical da Paramount, «Salute for Three». Esta produção, que já está sendo «rodada» sob a direção de Ralph Murphy, apresenta, no seu desenrolar, os mais famosos números dos «night clubs» de Nova York.

NOSSA CAPA

EVELYN KEYES oferece, hoje, às nossas leitoras, um interessante modelo para mocinha, em crepe estampado e barrado liso. O modelo é todo franzido, com blusa russa e saia ampla. Os moldes, pelo manequim 42, encontram-se no suplemento anexo.



ALUNA da conhecida e distinta professora, que é a senhora Lucia Branco, a menina Margarida Maria Godoy bem cedo revelou seus admiráveis dotes artísticos. E, numa magnífica e brilhante afirmação de sua arte, a pequena e galante pianista, realizou, segunda-feira última, no Auditorio da Associação Brasileira de Imprensa, linda e aplaudida audição.



MÉDICO ilustre, pintor e escritor de nome consagrado, Hernani de Irajá, cujos trabalhos de divulgação científica e artística têm merecido os melhores aplausos da critica nacional, acaba de apresentar, em segunda edição, o seu notável trabalho "*Sexo e Beleza*", a que se seguirão vários outros. A apresentação gráfica e ilustrativa é excelente.

MARGARIDA MARIA. — Discípula de Lucia Branco e pela conceituada professora apresentada ao Público, realizou a menina Margarida Maria, na tarde de lunedia, 2^a-f., 21 de dezembro, no auditorio da Associação Brasileira de Imprensa, o seu anunciado recital de piano, executando os números deste programa além dos extras — *Pour E'lise*, de Beethoven e *Valsa*, de Tchaikowsky; I) J. S. BACH — *Prelúdio* — *Minueto* — *Polonaise* — *Bourrée*; BEETHOVEN — *Sonata op. 49 n. 1: Andante* — *Rondó*; II) WEBER — *Valsa em lá-maior*; MENDELSSOHN — *Barcarola*; SCHUMANN — *Tema com variações, Canção dos marinheiros italianos, Pequena romança, Cavalgada*; III) JOÃO NUNES — *Os três meninos: O menino socegoado* — *menino carinhoso* — *O menino travesso*; LORENZO FERNANDEZ — *A monótona caixinha de música, Capelinho vermelho*; TCHAIKOWSKY — *Douce rêverie*; MOSKOWSKY — *Tarantela*.

Garota de 10 anos, com 3 apenas de estudos, tocando como tocou, deu-nos a impressão de ser uma pianista e uma pianista não comum. Ouvimo-la com admiração crescente.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

Logo de início surpreendeu-nos a interpretação da *Sonata* de Beethoven, fácil para um adulto mas difícil para uma criança. Não só se lhe percebia o conhecimento técnico da obra mas ainda o seu sentido estético; cantou o romance sem palavras, como ao *Andante* alguns autores lhe chamam, e mais correta e comunicativa no *Allegro*, no *Rondó*, onde as mãozinhas venciam sem esforço o desenvolvimento em oitavas do segundo motivo desse tempo.

Na 2^a parte, se não nos impressionou tanto na *Valsa* de Weber e na *Barcarola* de Mendelssohn, cresceu ainda mais através das peças de Schumann. A *canção dos marinheiros italianos*, afigurou-se-nos obra-prima de execução e de expressão.

Continuando em plano semelhante, ouvimos o poemeto de original estesia que é — *Os três meninos*, de João Nunes. A menina pianista, parece ter sabido evocar, com admirável precisão e brilho, os três estados da sua própria sensibilidade — quando é menina

socegoado, quando é menina *carinhosa* e quando é menina *travessa*.

Após os dois interessantes números de L. Fernandez, eis que Margarida Maria atinge ao apogeu do recital. Não era mais uma garota, era uma grande pequena pianista que estava ao piano. A *Douce rêverie* de Tchaikowsky e a *Tarantela* de Moskowsky, composições de estilos totalmente opostos — magistralmente executadas. Fechando os olhos, dir-se-ia que as executava uma pianista de nome feito. O auditorio extasiou-se com a *Rêverie* e ficou arrebatado pela *Tarantela*. Palmas e bravos estragiram espontaneos enumerosos. Belo e merecido triunfo.

Ao concluir assinalamos que a vitória de Margarida Maria participou a sua grande professora, a pianista Lucia Branco, artista que, infelizmente, no professorado sacrificou a carreira de virtuosa, e que entretanto estava destinada a figurar entre as maiores intérpretes do piano, a par de Guiomar Novais e Magdalena Tagliaferro. Entretanto ainda é tempo de corrigir o erro. E breve com a grande professora apareça também a grande virtuosa...

OSCAR D'ÁLVIA

QUE É SAUDADE ?

DE

ILZA MONTENEGRO

AMA... Põe nesse amor toda a ternura, toda a meiguice e pureza de tua alma. Fortalece-o com a fé, embeleza-o com a esperança. Vive somente dêle e para êle... Depois...

Sofre...

Sente o punhal da ingratidão cravar-se em teu peito. Chora pelo desprezo imerecido. Desilude-te com a perversidade que te feriu impietosamente... Crê no destino... Descrê da felicidade... Mais tarde...

Perdoa...

Põe, nas trevas de tua alma amargurada, a luminosidade bruxuleante, mas, confortadora, da resignação e da renúncia. Faz com que voltem ao teu coração a antiga ternura, a meiguice e a pureza que aí viveram. Uma nova aurora ressurgirá, um sentimento novo, que até então desconhecias, há de experimentar: a doçura inefável do perdão! Finalmente...

Recorda...

Nas horas de tédio e de tristeza, enche o teu abandono, a tua solidão, da lembrança de momentos felizes outrora vividos. Reune os restos de sonhos maldosamente despedaçados, junta os escombros da tua ilusão desfeita, esquece a fé que te enganou... a esperança que te iludiu... Transforma as tuas ruínas em um tesouro, povoa-as da tua própria sombra e então... tu mesma adivinharás o que é... saudade!...

O brasileiro morre no campo da honra, mas não se escraviza. Auxílio o Segundo Congresso de Brasilidade no combate aos inimigos do Brasil por todas as maneiras ao seu alcance.

Sensacional!

MOLDES DESENHADOS NO PRÓPRIO TECIDO!



Moldes anatomicamente estudados, em todos os tamanhos e medidas. Modelos originais, de grande elegância.

Os moldes vêm impressos no próprio tecido, com todas as instruções necessárias. Aproveitamento máximo da fazenda. Fácil de cortar e de confeccionar.



Tecidos de seda, lã e algodão, com lindas e originais decorações, inspiradas em motivos históricos, regionais e legendários.

AGORA é fácil fazer o seu próprio vestido. Basta escolher o corte que lhe agrada e, com êle, receberá, impresso no próprio tecido, o molde, o modelo e todas as indicações. Uma novidade sensacional, para a elegância feminina.



Elementos de decoração distribuídos com originalidade, arte e gosto. Cores fixas.

Confeções SANTIAGO

(MOLDES DESENHADOS NO PRÓPRIO TECIDO)

Distribuidores Exclusivos:

Rio - LOJAS BRITO - Av. Rio Branco, 108 - Edifício Martinelli
São Paulo - LOJAS FERRÃO - Rua Libero Badaró, 200

REUNIDAS

21

FON - FON

2-1-1943

1942

NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

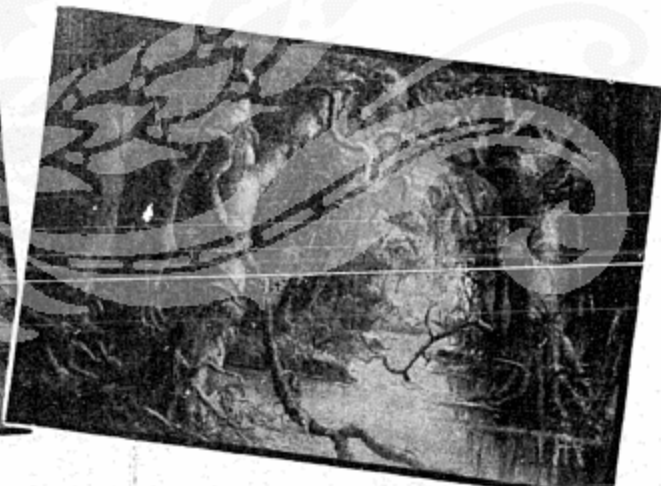


GABINETE MÉDICO
BIOMÉTRICO
LEONEL GONZAGA



COM a presença do coronel Jonas Corrêa, Secretário Geral de Educação e Cultura, realizou-se, no Instituto de Educação, a solenidade da entrega de prêmios aos vencedores do concurso de literatura da 6.ª série daquele Estabelecimento, e a inauguração do gabinete médico-biométrico "Dr. Leonel Gonzaga" — um dos mais completos gabinetes médicos de educação física. Usou da palavra, no ato inaugural, o dr. Humberto Ballariny, médico especializado em educação física, o qual, em brilhante improviso, enalteceu as altas qualidades do patrono da sala.

Além do Secretário Geral de Educação, e do homenageado — Diretor do Instituto —, estiveram presentes às solenidades a senhora Gaspar Dutra, digníssima esposa do sr. Ministro da Guerra; o coronel Moacyr Toscano, diversos professores do Instituto, alunas e demais convidados.



A NOVA EXPOSIÇÃO DO PINTOR J. CARVALHO

ALCANÇOU brilhante êxito a exposição de quadros que o pintor J. Carvalho acaba de realizar no Palace Hotel, depois da sua vitoriosa mostra de arte do Centro Cearense.

"Trecho de Camocim (Ceará)", "Igarapés, no Amazonas" e "Igapós, em Alto Purús, no Amazonas", que aqui reproduzimos, são três das sugestivas paisagens que figuraram na nova exposição de J. Carvalho e que tanto interesse despertaram entre quantos visitaram o certame artístico do Palace Hotel.

J. Carvalho é um pintor de qualidades apreciáveis e de feição definida, que marca uma expressão de artista cheio de sinceridade e de talento.

Esse pintor do norte pode considerar-se vitorioso aqui no sul.



Maria José, graciosa filhinha do distinto casal d. Zezé Cardoso Motta-dr. Adahyr Figueiredo Motta.

Reinaldo, filho do dr. Adolfo Penno. Morde de Azevedo Penno.

Algumas atitudes pessoais do interessante garoto Dilson, filho do casal dr. J. Costa Junior-d. Arlete de Souza Costa.



CRI- AN- ÇAS



Miriam, filha do casal Waldemar Costa-d. Edith Costa, no dia de sua primeira comunhão.

Outra graciosa neo-comungante: a menina Neide Maria da Silva, de Belo-Horizonte.



FON - FON

2-1-1942

— 23 —



desfile de autênticos modelos se inicia, desde o primeiro parêo, até as últimas horas da tarde, movimentando, alegremente, todas as dependências do hipódromo, numa profusão de cores, e sorrisos femininos...



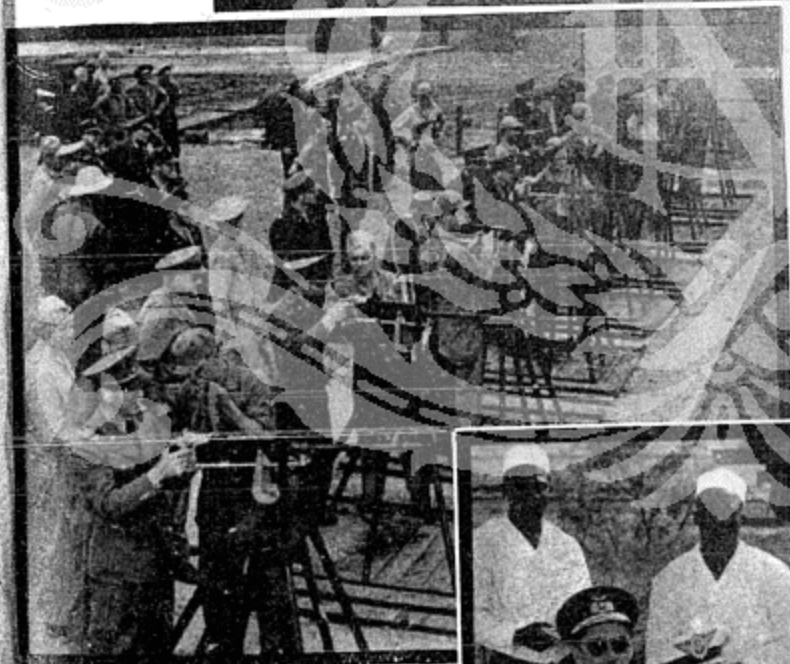
As tardes mundano-esportivas do Jockey Clube Brasileiro, dado o alto espírito de seleção que preside às reuniões do hipódromo da Gavea, constituem, sempre, uma verdadeira parada de elegância, distinção e bom gosto. Multiplicam-se os encantos daquelas paradas, pois um verdadeiro

JOCKEY CLUBE
Mundano





Oficiais Latino-Americanos nos Estados Unidos



1 — Aviões bi-motores passam em formação pela tribuna especial, armada no aeródromo de Kelly Field.

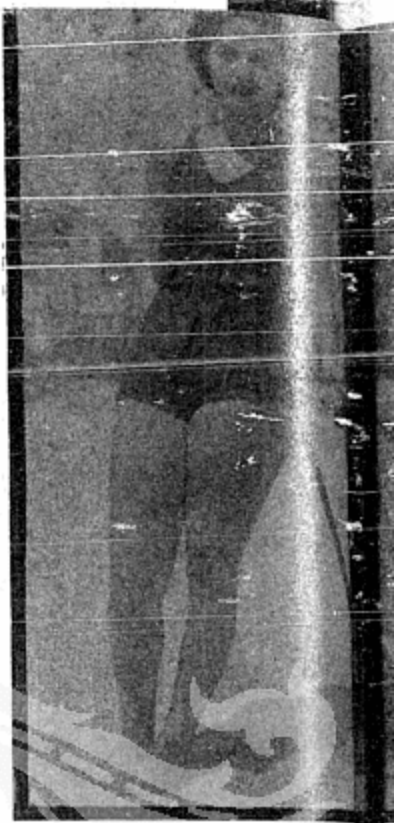
2 — Os militares latino-americanos experimentam os mais modernos tipos de metralhadoras para aviões.

3 — O almoço servido ao ar livre, por «cow-boys» do Texas, marca um instante de repouso na longa excursão.

(Serviço especial da Inter-Americana).



OS oficiais latino-americanos, que integram a Junta Inter-Americana de Defesa, em uma demorada visita realizada aos estabelecimentos aeronáuticos do sul dos Estados Unidos, tiveram oportunidade de apreciar, devidamente, o tremendo esforço bélico norte-americano pelo domínio dos ares. Homens e material, tudo de qualidade insuperável e em quantidades verdadeiramente excepcionais, saem desses estabelecimentos para as diversas frentes de batalha, nas quais as forças aéreas norte-americanas contribuem de forma decisiva para a vitória das democracias.



COPACALIBANA

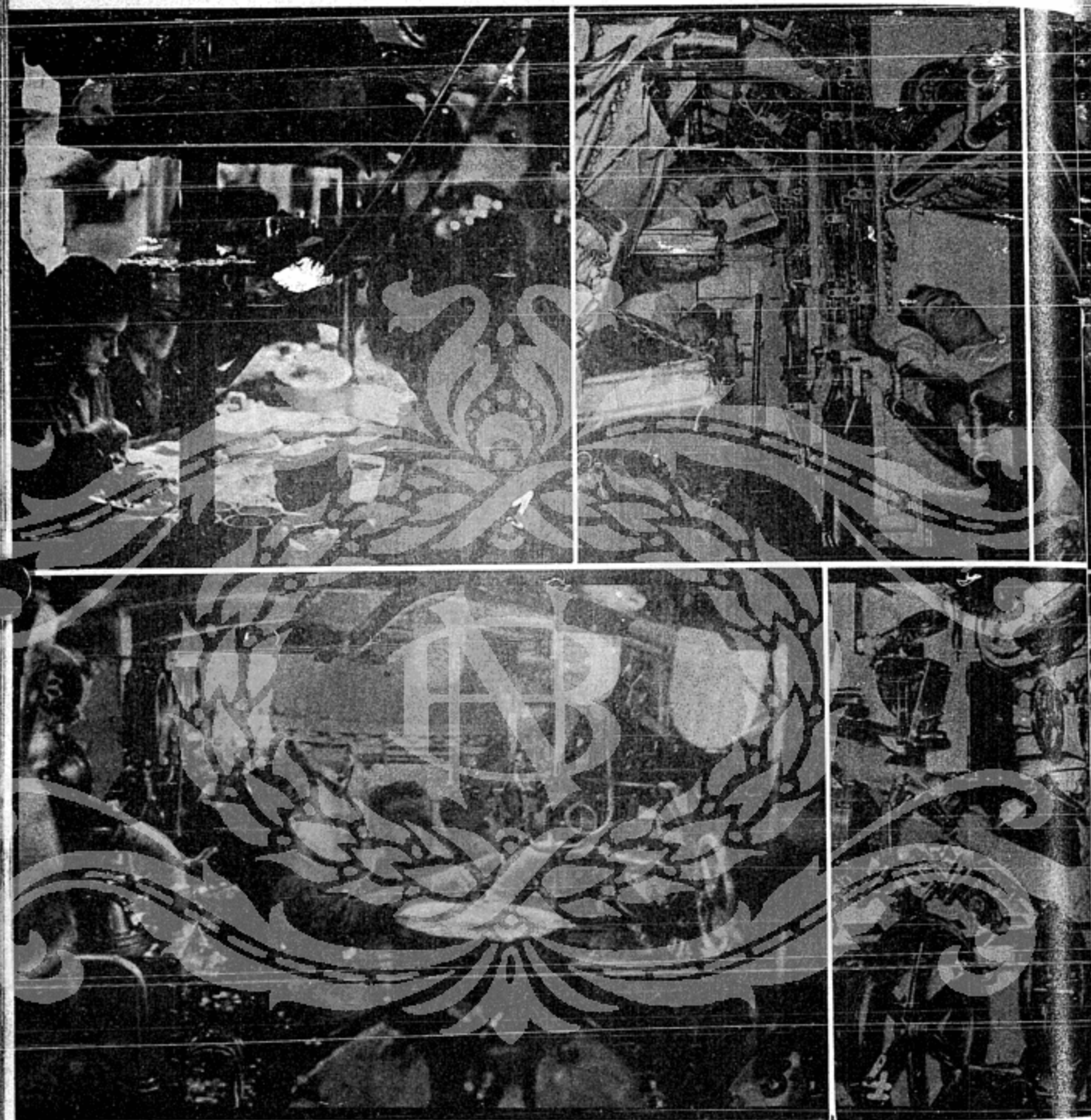




O SORRISO DAS PRAIAS...

...É a garota de «maillot» que se deita na areia para tornar o sol feliz...
 É a colegial de «short» que passa as férias pedalando em frente ao
 mar e enchendo de ritmos a festa do verão... É a sedução de todas as ba-
 nhistas formosas que encantam as águas e os olhos dos homens...





Vejamos, por meio das fotografias aqui publicadas, como vive e trabalha a tripulação de um submarino, composta de 45 marinheiros e 4 oficiais:

1) em virtude das pequenas dimensões do refectório, as refeições são feitas em grupos; 2) mesmo que o mar esteja enfurecido, quando o navio está submerso, o silêncio, no seu interior, é completo, podendo-se assim dormir à vontade; 3) as bombas de rarefação do ar são vigiadas constantemente, pois o menor enguiço, o mais leve defeito, pode causar danos irreparáveis; 4) neste compartimento funciona o controle das

válvulas que governam os tanques de lastro; foi um defeito nestas válvulas que ocasionou a perda do "Squalus"; 5) a casa das máquinas, onde funcionam dois poderosos motores Diesel de 800 H.P.; 6) na sala de controle, os oficiais estudam, atentamente, as cartas geográficas; 7) esta pequena abertura, por onde está passando este oficial, é a porta do quarto dos tubos lança-torpedos. A fotografia que serve de fundo à página mostra-nos exatamente a delicada operação que se executa no interior deste compartimento, e que consiste na colocação do torpedo no tubo.

O INTERIOR DE UM SUBMARINO AMERICANO





Além do horizonte azul

A propósito de "Além do Horizonte Azul", o filme em que a Paramount nos dá mais uma vez essa figura deliciosa que é Dorothy Lamour, e que já hoje podemos ver no São Luiz e no Carioca, conta-nos Jack Osler, o que sentiu quando teve a sua primeira entrevista (entrevista jornalística, note-se) com a linda estrela. Deixemo-lo com a palavra:

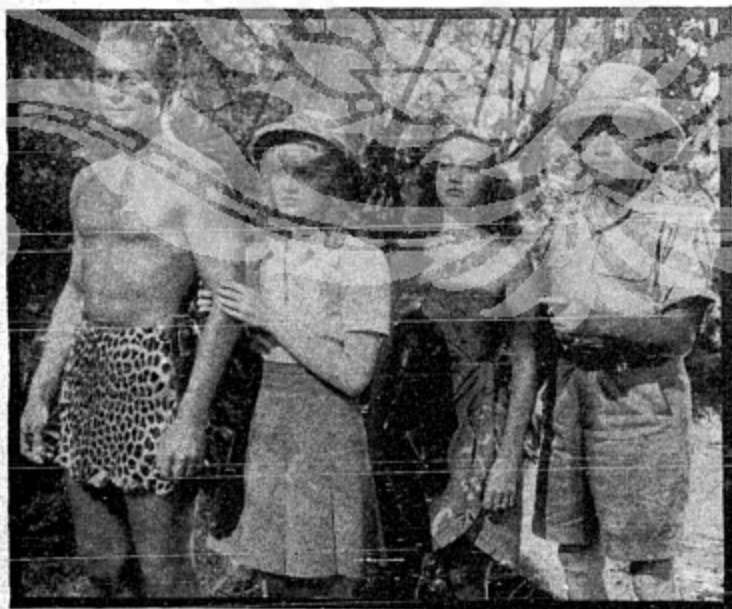
— "10,30... Era a hora do meu encontro com Dorothy Lamour (de sarong) no seque n.º 4, onde

possivelmente desprendidas da grande "montanha rochosa" pintada na gigantesca tela colocada ao fundo, à guisa de ambiente malai. E em cima de uma das pedras maiores achava-se deitada, de sarong Dorothy Lamour! Felizmente eu tive ânimo bastante para pôr em prática o método de respiração yogi (aconselhado pelo sábio hindu para as fases pre-comatosas), e consegui manter-me em pé, sem perder os sentidos, conservando no rosto um sorriso

amarelado, tipo diplomata japonês.

Um dos funcionários do departamento de *maquillage*, pressuroso e compenetrado, aproximou-se da "estrela" para retocar-lhe a pintura dos lábios, enquanto o galã do filme, Richard Denning, prontificava-se, com certa indiferença profissional, a amparar a cabecinha de Dotty.

Sem perda de tempo um fotógrafo bateu um instantâneo da cena. (Se o Departamento de Censura, a cargo do exigente Mr. Will Hayes, permitir a publicação desse instantâneo, então, sim, vocês poderão fazer uma idéia, vaga embora, de como eu me senti ao contemplar o deslumbrante quadro... em cores naturais. E' como se tivessem me jogado de um avião, da altura de cinco mil metros, munido apenas de um paraquedas de experiência, inventado por um amador habilidosozinho...)



estava sendo filmado "Além do Horizonte Azul".

Vou abrir um rápido parentêsis, descrevendo o cenário que se encontrava ante as câmeras. Um poético riacho de águas cristalinas. Numa das margens, vistosos arbustos e abundante vegetação quase encobriam algumas pedras,



O amor não tem preço, asseveram os poetas. Infelizmente, porém, não pensam do mesmo modo esses senhores de Hollywood, que, fornecendo ao mundo o maior stock possível de romances e de beljos exemplares, se atrevem a fazer cálculos sobre o eterno tema, garantindo ser Cupido um "little gentleman" nada econômico, além de possuir a estranha característica de elevar seus gastos à proporção que se requinta de expressão...

Essa foi, pelo menos, a conclusão que chegou Mr. Alexander Hall, a propósito da filmagem, na Columbia, de "Eles beijaram a noiva..." — um romance "tout court", alegre e gentil, com Joan Crawford amando Melvyn Douglas, ao mesmo tempo que entregando-se, de corpo e alma, a coisas tão malucas quanto um "jitterbug", dança afro-



Eles beijaram a noiva...

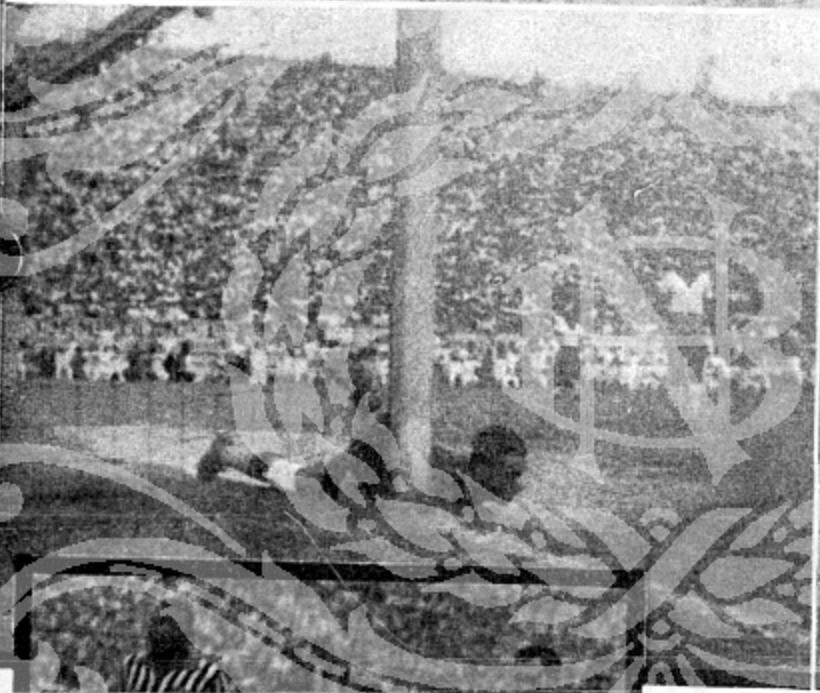
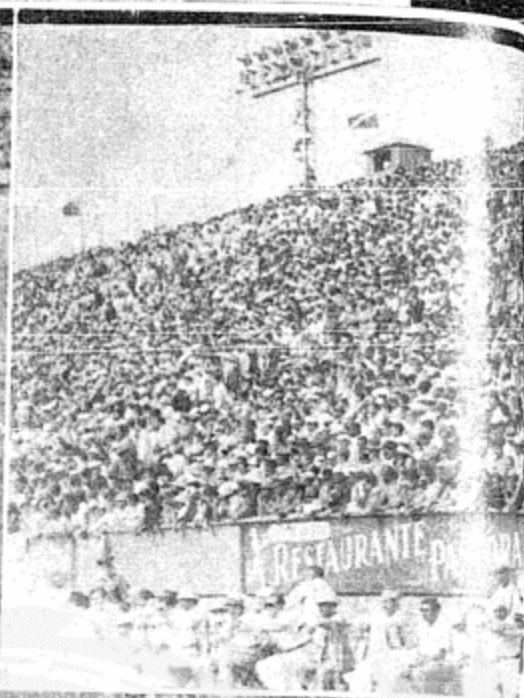
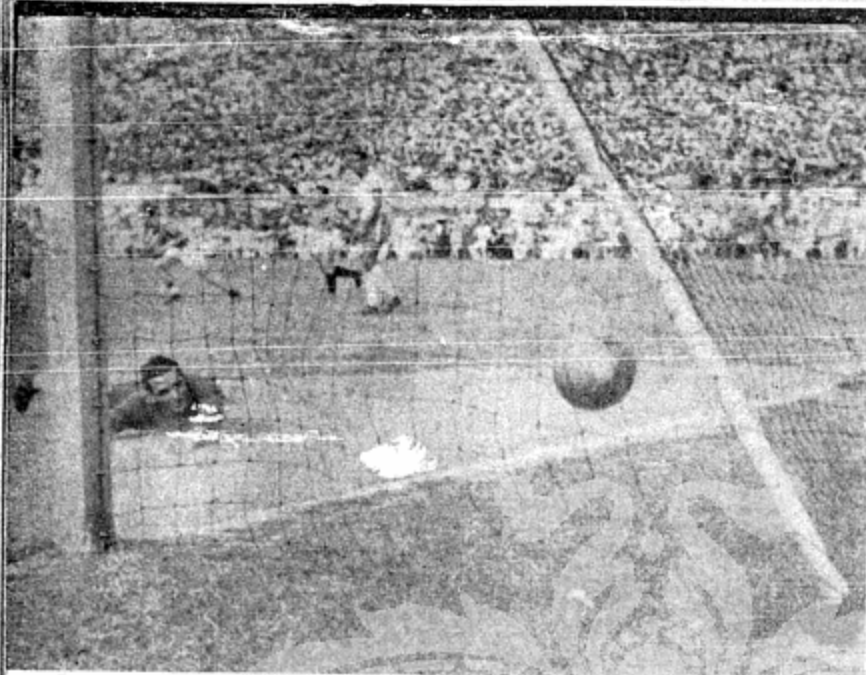


norte americana preferida no Harlem e noutros locais...

Nesse filme, onde há uma cerimônia luxuosa de casamento, sendo Helen Parrish a noiva, porque todos os presentes à festa tivessem que beijar, rápida e respeitosa-mente, a desposada, conforme é de hábito nos EE. UU., o diretor registrou nada menos de 78 beijos, os quais, feitas as contas bem direitinho, saíram por 80 dolares...

E isso — afirma Hall — sem levar em consideração os beijos dados por Joan Crawford em Melvyn Douglas, que não são nem respeitosos, nem rápidos...





PAULISTAS

ANTE uma assistência que superlotou o magestoso estádio do Vasco da Gama, realizou-se no domingo, 20 de dezembro, o desfecho do Campeonato Brasileiro de Foot-ball, entre cariocas e paulistas. Após uma peleja reñhida, cheia de lances emocionantes, alguns dos quais fixados em nossas gravuras, sagrou-se campeão brasileiro de foot-ball, em 1942, a brava seleção paulista, que venceu pelo escore de 4-3.



FON - FON

2 - 1 - 1942

48 - 49

Minha opinião

PA DE CAL

VOLTO ao assunto "Conan Doyle", mais uma vez. Hoje, porém, para encerrá-lo honrosamente. Aos caluniadores da obra ímpar do gênio policial da Grã Bretanha dedico a transcrição do trecho seguinte de um estudo de Christopher Morley: "Sherlock Holmes, genial criação de Conan Doyle, depois de ter feito o encanto de três gerações sucessivas de leitores, está em vias de fascinar uma quarta geração. Sherlock Holmes é "o perfeito anestésico", e não há dúvida de que as suas aventuras têm o condão de certos estupefacientes. Basta-nos, com efeito, subir a escada de Baker Street n.º 221-B, para nos libertarmos de todas as preocupações pessoais e entrarmos num mundo de névoas flutuantes, onde passam velhos "cabs" londrinos, rodando em silenciosas rodas de borracha, o mundo em que Sherlock realiza os seus prodígios de raciocínio dedutivo, enquanto nós (e o fiel, o inevitável dr. Watson!) o seguimos num misto de afeto e assombro... Muitos outros novelistas policiais imitaram sem escrúpulo a fórmula de Conan Doyle:

mas Baker Street há só uma e Sherlock Holmes — nunca haverá outro!" (Seleções do "Reader's Digest" — Outubro de 1942 — "The adventure of the speckled band").

Que posso eu acrescentar às palavras do autorizado Christopher Morley? Apenas isto: — "O Bem nunca será vencido pelo Mal"...

SINUQUINHA

PERGUNTA — Póde uma pessoa, com insuficiente conhecimento do vernáculo, criticar quem quer que seja?

Váia um cafézinho no Bar do Padilha...

1943

QUE Deus, com a sua infinita sabedoria, conduza o Rádio Brasileiro ao seu verdadeiro destino... E dê competência aos incompetentes... E dê memória aos desmemoriados... E dê vergonha aos desavergonhados... Amen.

A. Z.

URTIGUINHAS PAULISTAS

De BLOTA JUNIOR

ORA, acontece que um locutor esportivo, às vezes, tem o direito de ser imparcial. Uma vez ou outra, que diabo! Também não é assim... Está certo que o sujeito fique gritando, um campeonato inteiro, que o bonde de duzentos contos marcou um "goal" de bicicleta; está até muito certo que o Geraldo Bretas e o Bruno Sobrinho façam um "São Paulo x Corinthians" todos os dias ao microfone... Mas, desta vez, o caso era mais sério. Os locutores esportivos iam ser todos imparciais.

Na manhã daquele domingo, Copacabana continuava sendo prima-irmã das estrelas, das mulheres bonitas e do Leônidas, coisas amenas e poéticas, que foram cantadas em versos, em todos os tempos. Copacabana era o tipo da poesia gostosa. "Versos" gostosíssimos. Versos com maiões de duas peças, cuja beleza principal residia principalmente naquela "ausência" de maião que fica entre uma peça e outra... E quando os locutores esportivos trocaram Copacabana por São Januário, verificaram melancolicamente que a cara do Chico Trindade, nem por semelhança ou simples coincidência com pessoas vivas e meiomortas, era tão apetitosa como certos petardos loiros do posto 2...

E começou o jogo. E o jogo andou. Doutor Domingos, catedrático da Academia Nacional de Futebol, bancou o Papai Noel do Milani. Deu-lhe uma bola de presente. Aí o Milani guardou a bola na rede. Mas depois veio Vevé, veio Amorim, veio Vevé outra vez... 3 a 1! Os imparciais estavam tristes, menino, e desa-

nimados! Era duro de ver. Mas, depois, eu gostei. Veio o Lima, veio o Cláudio, veio o Lima outra vez. Pegou aquela bola de um jeito especial, piricótico, pimba! Fechou o botequim da Marócas! 4 a 3!

E nessa hora todo mundo ficou louco! Bruno Sobrinho, meu Deus, com 18 estações na rede, gritou que ficou ainda mais rouco. Murilo até parou de gritar pelos cariocas. Ele tinha estado o tempo todo conquistando uma garota com alguns elogios para o Zizinho... Jaime Moreira, paulista de nascimento da Tijuca, Afonso Pena, ponto de seção, arranhou um aumento de ordenado com o Nicolino, com direito a vale! Rebelo Junior, pela primeira vez, deixou de falar mal da Organização Byington (quer dizer, melhorou metade)... E eu fiquei maluco de uma vez. Era uma imparcialidade incrível. Imparcialidade tão grande que o dr. Paulo de Carvalho interpretou mal aquela crise do Geraldo José no final da irradiação. O Geraldo tinha, de verdade, dado um duro maluco para defender a seleção paulista. Para concentrar torcedores. Para exaltar o nosso pessoal. E' muito logico que, terminado o "batefundo", ele descarregasse os nervos. Mas o dr. Paulo de Carvalho não prestou atenção a tudo isso. E quando o Geraldo, no abraço de congratulações, escolheu o seu seio maternal para desovar as energias acumuladas, ele acariçou a cabeça do seu "speaker", e disse com uma voz cheia de açúcar:

— Não chore, Geraldo... Papai Noel traz presente, sim, meu filho!...

Passatempo «Microfone»

POEMETOS PUBLICADOS

- 1 — «DONA VIDA»...
- 2 — «IRONIA CÔSMICA».
- 3 — «OLHOS SECOS».
- 4 — «HISTÓRIA REAL».
- 5 — «GIGANTE DE PÉ».
- 6 — «COPACABANA».
- 7 — «DINHEIRO».
- 8 — «LEVIANA».
- 9 — «GUERRA».
- 10 — «CANÇÃO DO SÉCULO».
- 11 — «S. O. S.».
- 12 — «CULTURA».
- 13 — «CONFIDÊNCIA DE UM BOÊMIO».
- 14 — «O ESPANADOR».
- 15 — «DEUS».
- 16 — «ATLETA EM AGONIA».
- 17 — «SOLILÓQUIO DE UM SARCISTA».
- 18 — «POETA...»
- 19 — «NATAL».

INTEGRAÇÃO

*Ah! Foi o nosso mundo irremediável
Que me cercou de sombras destruidoras...
Meu sofrimento veio, inalterável,
Dos supícios das almas sufecedoras...
Reflete-se em mim mesmo essa imutável
Inquietação de angústias gemedoras...
Dela proveio a minha inevitável
Antevisão de lutas redentoras...
Não compreendia que o tormento humano
Gerava o meu tormento desumano
E as dores que os meus nervos embrutecem.

Dores do mundo... E vendo a massa triste,
Que apenas para o sofrimento existe,
Tristíssimas tristezas me entristecem.*

ZARUR

Nós estamos de acôrdo...

DE

GOMES FILHO

UMA crônica publicada aqui, há dias, mereceu do nosso distinto confrade do "Jornal do Brasil" a seguinte nota:

"Um confrade nosso, referindo-se à música popular, declarou, após fazer a apologia da mesma, que Rádio não é Conservatório de Música. Tal afirmativa não é justa, porque o Rádio, dado o seu poder de expansão, deveria ser não somente Conservatório de Música, mas também Universidade. Ao contrário do que exara o nosso colega, o bom exemplo dado pelas emissoras que não abrigam sambas de letrinhas chulas deveria ser imitado. E' inútil defenderem a poética degradante de algumas músicas populares; o público brasileiro, brioso e civilizado, não a aceita. Nas próprias canções patrióticas, torna-se necessário maior cuidado nas letras. Pátria é coisa muito séria, digna de pensamentos elevados, e não frases ôcas, escritas a esmo, bancando versos. Não será favor os programadores de sambas ruins mudarem de orientação. Rádio não é Conservatório de Música mas não deverá ser também depósito de monturo a exalar miasmas que se traduzem nas letras mal feitas e tolas de certas músicas populares."

Essa nota de Silvio Moreaux se compõe de oito períodos.

Nos sete primeiros (e o número "sete", aqui, não

tem nada com aquela história da conta de mentiroso) o seu autor procura argumentos para justificar — fora do espaço e do tempo e de imutáveis leis sociológicas fixadoras de ambiente — o seu "ideal radiofônico". Esse "ideal radiofônico" é também o nosso e o de muita gente boa, mas, por enquanto, irrealizável no Brasil, país em marcha para alcançar melhor percentagem de alfabetização.

No seu oitavo e último período é que Moreaux encontra a "verdade do meio termo", e aí fica, inteiramente, de acordo com a nossa opinião: Rádio não deve ser conservatório nem... sargeta (com miasmas, etc). Até junto dos microfones, a virtude deve estar no meio, tal como sempre ensinou a velha sabedoria dos latinos.

Nada como a gente encontrar o verdadeiro equilíbrio das coisas, não é mesmo?

Silvio Moreaux, por exemplo, poeta de talento, se fosse diretor-artístico da Rádio Jornal do Brasil, não consentiria que se apresentassem ali, ao lado de trechos líricos admiráveis, aquelas rumbas horribles e aqueles "fox-trots" de ritmos barbaríssimos, música popular estrangeira de nível muito mais baixo do que alguns sambas bonitos que tiveram a... desgraça de nascer no Brasil!

Por causa da articulação

Por SERGIO PEIXOTO

NA nossa crônica anterior, procurando dar uma mostra do que era o rádio-teatro no período de dentição da radiotelevisão brasileira, a propósito de uma palestra que tive com o prof. Olavo de Barros, dissemos que os elencos eram organizados com o pessoal do teatro recrutado nas mesas do Café Criterium, reforçado com a "prata da casa". Como "prata da casa", conforme explicamos, se entendia o pessoal adventício: locutores, escriturários, cantores, confêrencia e o cabineiro que a emissora "cedia" para fazer número... Da maneira que contávamos a história, os nossos leitores certamente tiveram a impressão de que o reforço com a "prata da casa" era um processo usado naquela época. Podemos afirmar, entretanto, que até há bem pouco tempo, já na nova fase do rádio-teatro, o processo ainda era o mesmo. Ainda hoje, a "prata da casa" é usada nos diversos elencos radioteatrais, se bem que, justiça seja feita, numa escala menor... Nós mesmos, quando nos preocupávamos com o rádio-teatro, várias vezes tivemos ensejo de falar no artista que denominávamos de "elemento de corredor". Dávamos esse nome ao adventício porque, em geral, era pescado nos corredores das "PRR" e jogado frente ao microfone com o seu papelzinho na mão, elevado à categoria de artista. Os profissionais, como é natural, protestavam... Nós também protestávamos, apenas levados por uma questão moral-social, uma vez que o aproveitamento do "corredorista" prejudicava o artista que fazia do rádio-teatro o seu ganha-pão, furtando-lhe o "cachet", muitas vezes mirrado e anêmico... Pensando bem, porém, o "corredorismo" no rádio-teatro foi benéfico. Hoje, quando a prática desse salutar esporte está em decadência, é com satisfação que, revendo os atuais quadros artísticos, encontramos neles bons radiadores que começaram a vida como simples "elementos de corredor". O galã número 2 do Teatro Tupi, que é o locutor Ramos de Carvalho, entrou para o rádio-teatro quando, por um descuido, passeava pelos velhos corredores da Tupi do tempo do Largo de Santo Cristo, num dia de folga... Gastão do Rego Monteiro, que durante muito tempo esteve à frente do naipe masculino do Rádio Clube, muito antes do advento do "Elenco Leopoldo Fróes", já era um radiator consagrado. Notabilizara-se na criação do papel de Cristo, no "Mártir do Calvário", e era um gosto, todas as sextas-feiras da Paixão, ouvirmos o popular locutor travestido de Olímpio Nogueira do éter. Essa radiatriz que anda por aí em quase todas as emissoras, a doutora Nena Martínez, conta que, numa tarde, quando nem sonhava ser radiatriz, estando a refrescar-se no terraço da Ipanema, foi procurada pelo Valdo Abreu que, aflito, lhe pediu que fôsse para o microfone ler um papel. Ela atendeu, e acabou gostando da brincadeira. No já citado "Elenco Leopoldo Fróes" são inúmeros os elementos improvisados que se firmaram no rádio-teatro. Nelson Nobre, Sônia Barreto, João de Freitas, Arnaldo Amaral e muitos outros. Se há "corredoristas" que triunfaram há

também outros que, bem lançados, não conseguiram nada do rádio-teatro, como, por exemplo, o Paulo Roberto. Entretanto, o programa radioteatral que mais se notabilizou pelo aproveitamento da "prata da casa" é, sem nenhuma dúvida, o de Ademar Casé. Durante o tempo que por lá andávamos, assinalamos vários artistas guiados a muque: Cláudia Rios, Joel de Almeida, o Salomão da bateria, o Padilha... O próprio Casé trabalhava e trabalha com o nome de Romero Viana. O gerente do programa, Paulinho Moura, atuava com o pseudônimo de Roberto Aguiar. O prof. Aníbal Costa também já esteve às voltas com o microfone, metido na pele de Gilberto Sena. Mas, de todos os que citamos, o que mais se distinguiu e ainda hoje tem um bonito cartaz, é o secretário daquele veterano programa, Jair de Taumaturgo. Menino estudioso e persistente, tem hoje um lugar seguro no rádio-teatro. É até considerado pelo Cesar Ladeira o maior "galã de bandeja" do nosso "broadcasting". Pois o Jair de Taumaturgo, apesar do nome, lutou bastante para se fazer. Houve tempo, ainda por ocasião da "Ribalta do Espaço", que o "de Taumaturgo" andava atrapalhado com a crítica. Um determinado cronista, impertinente, implicava sistematicamente com a articulação do ator incipiente. Tendo por hábito passar "em branca nuvem" por cima das vogais e das sílabas de tonalidade grave, o Jair dizia as palavras de tal forma que, cá fóra, ninguém as percebia. O cronista berrou... Gritou... Clamou... Vem daí, o jovem secretário "doublé" de radiator resolveu atendê-lo. Que fez ele? Chamou o Sadi Cabral, que sendo do teatro conhece a fundo essa questão de articulação, e pediu-lhe lições. Durante uma semana, o Jair de Taumaturgo praticou com o Sadi. Dias seguidos, dava gosto ver o rapaz articulando, dentro das regras, as palavras polysilábicas: "es-ta-ti-lis tili-casa"... "E-las-tili-cooo..." Até que aprendeu... No domingo, por falta de melhor, deu-lhe o Sadi um pequeno papel de criado grave. E o "de Taumaturgo", com as lições decoradas, foi para o microfone. Pôs logo em prática os seus conhecimentos: "A se-nhoo-oma con-deee-saaa cha-mouu-mee?...". E foi por aí afóra... No dia seguinte, por feliz coincidência, o Jair esbarrou conosco na Rua Uruguaiana, frente ao Largo da Sé. Aflito e ansioso, foi logo indagando:

— Você ouviu a irradiação de ontem? Que tal o meu trabalho?

— Magnífico! — exclamamos. Que belo papel cômico!...

— Cômico? — estranhou o nosso amável interlocutor.

— Pois não era cômico? Gostamos bastante daquele criado pernóstico que você fez... O tal que falava alongando as sílabas... Bela composição!...

— Perdão, mas aquilo não era composição! — replicou o jovem radiator, escandalizado.

— Mas, se não era composição, que era aquilo, "seu" Jair de Taumaturgo?

— Você não viu logo? Era a articulação...

O RÁDIO DE MINAS

De WILSON QUINTAS

O brilhante Alziro Zarur, sabendo que eu vinha fixar residência na capital de Minas, incumbiu-me de mandar, quinzenalmente, para PR1, uma correspondência sobre o Rádio mineiro.

Aceitei, com prazer, a incumbência. E, tão depressa me foi possível, passei a observar o "broadcasting" belorizontino. Hoje, decorrido largo tempo de peregrinação pelas "faixas" da Inconfidência, Mineira e Guarani, tenho para mim que o Rádio no estado montanhês está engatinhando ainda. Não se faz Rádio à mineira moderna. Não se vê um programa razoavelmente atraente. Tudo é monótono, sem vida, sem cor.

Mas por que esse atraso? Falta de valores? Falta de público? No meu entender, há gente em Minas capaz de confeccionar programas de interesse. Nem me parece que faltem ouvintes. Tampouco anunciantes. A prova está em que se arranjou patrocinador para os programas de Tito Guizar, a dez contos de réis cada um! O que há — isto, sim — é vontade de permanecer onde se está. A indolência impera no Rádio daqui... As estações não procuram progredir, senão, naturalmente, do ponto de vista econômico. O lado artístico fica sempre de lado.

A Inconfidência, estação de grande potência, é vítima de uma burocracia de repartição pública. Tem uma finalidade louvável, é certo: educar o ouvinte. Mas a Inconfidência não sabe educar. Organiza meias horas, a cargo de cada secretária do governo estadual, e com isso não consegue atrair os ouvintes.

As outras duas emissoras não vão além dos programas de pedidos. E' sempre a mesma história do "fulano oferece a sicrano, etc." Interessante é que essas estações cobram dois mil réis por um oferecimento! Ora, um só disco é sempre oferecido por mais de uma pessoa e, a dois mil réis por cabeça, pôde-se ver que o negócio é rentoso... Auferindo tamanho lucro, não convém às estações cuidar de outra coisa. Toca a irradiar disco, dia e noite!...

Quem sofre com isso são os ouvintes de bom gosto, que se vêm na contingência de ouvir o Vicente Celestino ou o Augusto Ca-

lheiros a qualquer momento que liguem os receptores. Felizmente, à noite, a gente ainda pôde dar um giro pelas estações do Rio ou de São Paulo e se ver livre, assim, do mediocre e enjoativo "vamos ouvir, oferecido por Fulano a Beltrano, por motivo do seu aniversário, o cantor tal, na canção, etc..."

...
Nota — Já estava pronto o comentário acima quando chegou ao meu conhecimento que os "Diários Associados" compraram a Rádio Guarani. E' bem provável assim que, agora, o Rádio mineiro tome novo impulso, dadas as transformações que por certo irá sofrer a emissora em questão...

GALNO DE URTICA

Por ANTONIO CONSELHEIRO

A PRAGA...

HÁ um velho provérbio que diz: "da discussão nasce a luz". E é mesmo. Ainda agora, quando da realização das quatro partidas de "foot-ball" que encerraram brilhantemente o Campeonato Brasileiro, as nossas emissoras, em sua maioria, foram para o ar, irradiando aqueles encontros que marcaram época nos anais esportivos.

E eu, lá do meu humilde barraco do Morro do Formiga, procurei ouvir todas elas. Porque, com essa mania de meter o bedelho em tudo, de enfiar o nariz onde não sou chamado, sou como São Tomé: gosto de ver para crer... Do que ouvi, posso afirmar, sem medo de errar, que levaram a melhor as transmissões da Nacional e da Mayrink Veiga. Cem por cento ótimas.

Gagliano Neto e Oduvaldo Cozzi irradiam de maneira diferente. O locutor da emissora da Praça Mauá conversa ao microfone. De palavra fácil, por vezes mordaz, botando nas entrelinhas um pouco de "veneno", Gagliano dá ao ouvinte um panorama real do que se está verificando no "local do crime". Já Cozzi o faz de maneira diferente. E' o espelho fiel, sem criticar nem mojar, do que está sucedendo em campo. Eu tenho um velho amigo, o Rego Monteiro, paredro do Flamengo, que me disse ter controlado o Cozzi, por diversas vezes. Apanha o seu rádio portátil e vai para o campo. E sintoniza o Cozzi. A transmissão do locutor mayrinkiano vai "pari passu" sem perder um detalhe do que se está realizando.

Além das irradiações terem sido boas, o som daquelas estações foi magnífico. Ambas prodigalizaram aos aficionados do esporte bretão um panorama fidedigno do que foram as quatro últimas partidas do campeonato. Parabéns à PRE-8, à PRA-9 e aos dois competentes locutores.

...
O ar, agora, está-se enchendo de teatro a prestações... "Em busca da felicidade", "Ben-Hur", "Novela Policial", "Mulheres de Bronze", "Romance de Gloria Marivel"... Ainda outro dia, estive com um amigo, o engenheiro Orlando Dourado. Comentando-se o fato, o Dourado disse:

— A gente liga para uma estação, e é só filmes em série! Ontem à noite, quando liguei para a Nacional, foi "aquela água"...

E, danado da vida, o Dourado concluiu:

— Que "maldição"!...

O BEIJA-FLOR

DE
AGENORA DE CARVOLIVA

HORAS a flo levei eu contemplando
aquele corpinho delicado, macio,
quasi etéreo em sua profunda sin-
geleza.

Que mão cruel praticara aquele
assassinio? O beija-flor, certamente,
fôra envenenado, pois não apresen-
tava vestígios de fermento algum.
Pobrezinho! Meus olhos não podiam
despregar-se dessa maravilha inerte
na palma de minha mão, que, por
sua brancura, inda mais realçava o
verde esmeralda, o vermelho-cobre
e o dourado fulvo de suas peninhas
mimosas. No bico longo, estreito,
pontagudo, trazia (talvez o vestígio
de uma fuga alvoroçada e vã) presa
uma pétala de jasmim.

Coloquei-o bem de encontro à cla-
ridade. Oh, milagre! Parecia que a
natureza resumira ali a mais bela
das ciutulações e os tons mais boni-
tos das mais bonitas cores!

Olhei o verde claro de um broto
ainda tenro. Olhei o verde-garrafa
do arvoredo. Olhei o verde fosco dos
gramados. Olhei o verde, ora claro,
ora escuro, indefinível, do mar. Olhei
o verde traçoelro dos olhos alonga-
dos de um felino que se espregui-
çava no muro vizinho. Olhei o verde
escuro, quasi negro, de um cálice de
cristal.

Eram todos lindos, todos desper-
tavam emoções diversas. Porém,
nenhum se igualava ao verde esme-
ralda que luzia nas penas do beija-
flor!

Olhei o vermelho vivo de uma flor.
Olhei o vermelho dos morangos ape-
titosos, das maçãs carnudas e dos
tomates maduros. Olhei o vermelho
atraente de uma boca sensual. Olhei
o vermelho rubro do laço de fita de
uma criança loura que brincava des-
cuidada.

Que variedade e que beleza! Ne-
nhum, entretanto, era tão interes-
sante quanto o vermelho-cobre das
penas do beija-flor.

Olhei o dourado de uma jóia. Olhei
o dourado de artística moldura.
Olhei o dourado dos cabelos da gra-
ciosa jovem que passava. Olhei o

A Mulher Brasileira...



Um grande sucesso de livreria, encerrando
uma série de conselhos e ensinamentos prá-
ticos que toda mulher deve seguir em be-
nefício da sua Saúde, Beleza e Mocidade!

Pedidos a Léa Silva — Rádio Nacional, acom-
panhados do cupom abaixo e da importância
de 15\$000 ou nas principais livrerias do Rio.

Nome
Rua
Cidade
Estado

dourado do Irise de um vaso de por-
celana chinesa. Olhei o dourado de
rico vestido de lamé.

Quanta riqueza! Mas nenhum ex-
cedia no dourado-fulvo das penas
do beija-flor!

Eram macios as pétalas das flo-
res. Eram macios o veludo e o ce-
tino. Era macia a pele fina da
criança saudável e da mulher bem
cuidada. Eram macios os meus
cabelos.

Contudo, não havia maciez maior
que a das penas do meu beija-flor.

Tinha elegância a bailarina céle-
bre. Tinha elegância o galgo russo
do palacete luxuoso. Tinha elegân-

cia o gentleman que fumava um
fino cigarro. Tinha elegância o
maestro que regia a grande orques-
tra. Tinha elegância a formosa mo-
dêlo que inspirava o pintor. Tinham
elegância as mãos do pianista que
acaciava o teclado.

Ainda assim, era maior a elegân-
cia do corpo minúsculo, leve, esguio,
de linhas suaves, do beija-flor!

Bem perto de mim, da minha
lembança, da minha sensibilidade,
no meu canteiro preferido — o mais
florido e perfumado — enterrei-o.
Atapei a cova de miosotis e vio-
letas e dei-lhe como caixão o cá-
lice de um lírio muito branco...

AUXILIE o Segundo Congresso de Brasilidade no combate aos oportu-
nistas da camorra internacional que deseja dividir os brasileiros e
enfraquecer a nossa alma patriótica.

**NAO TUSSA! TRATE COM CUIDADO A BRONQUITE,
QUE É UMA DOENÇA PERIGOSA,**

COM

PULMONAL

É FANTASTICO

DISTRIBUIDORES GERAIS:

DROGARIA SUL AMERICANA
LARGO DE SÃO FRANCISCO, 42

HORAS PORTUGUESAS

O ARAUTO DO COMÉRCIO PORTUGUÊS
NO "BROADCASTING" MINEIRO

SOCIEDADE RADIO MINEIRA, 690 QUILOCICLOS

JOSE' PRAÇA
DAS 14 às 15,30 HORAS.



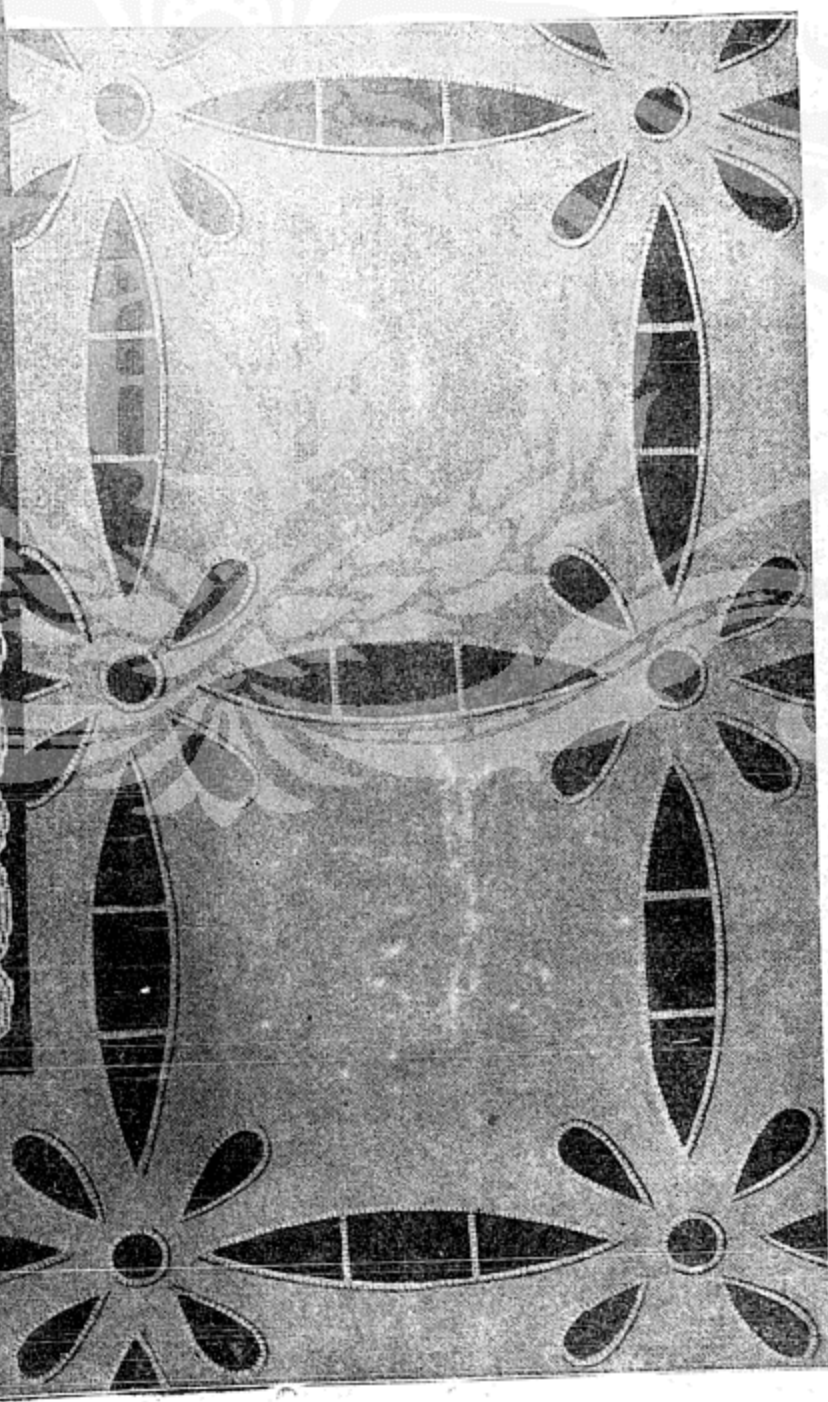
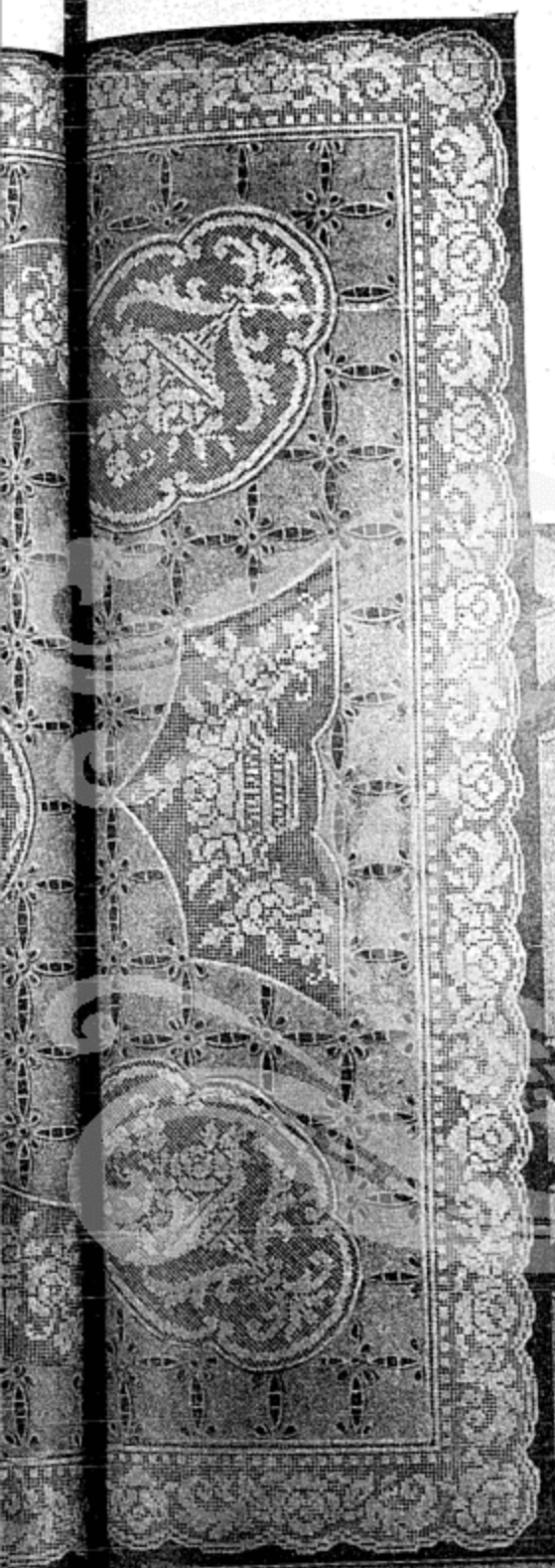
OFERECAMOS, hoje, às nossas leitoras, um lindo modelo para toalha, que servirá para chá ou para jantar. Sendo inteiramente bordado, é fácil de ser executado, conforme poderão verificar pelo detalhe do trabalho que damos abaixo.

Deve ser feito em linho branco bordado com ponto "cordonet", feito com linha brilhante DMC n.º 25.

As aplicações de "filet" devem seguir o modelo no tamanho e no feitio. Devem possuir, também, um motivo florido.

A toalha é contornada por uma renda larga, de "filet", tendo o mesmo motivo florido.

*Toalha
para Chá
ou Jantar*



Eu vi meu filho partir...

Eu vi meu filho partir...
Para a terra? Para o mar?
Não sei para que lugar.
Vi meu filho com um cantil de lado,
Com um fuzil nos ombros,
Partir, vestido de soldado.

Eu vi os homens que iam indo, iam indo,
Dentro de um largo trilha,
De grupo em grupo, de par a par, dois a dois,
Marchando, marchando com meu filho...

Eu sacudi para ele o meu lenço aberto,
Mas, ele ia como os outros, tão ligeiro,
Que não me presentiu de certo.

Eu vi o que ficou
Quando todos passaram,

Quando ele passou
De grupo em grupo, de par a par, dois a dois...
Eu vi o que ficou para mim depois:
Uma fita de poeira lá no fim da estrada
E minha alma de joelhos, só, mais nada...

Mas, eu sei porque é que meu filho ia tão febril
Levando nos seus ombros o fuzil!
Eu sei porque é que meu filho,
Obstinadamente, intransigentemente,
Ia com os olhos fixos na frente,
Sem olhar para trás, sem sair da linha...

Por isso, eu, que sentia dentro de meu seio
Uma torrente de pranto,
Não chorei no entanto!
Não chorei, quando fiquei sozinha!

Quando meu filho voltar...

Quando meu filho vier voltando,
Voltando da guerra...
Ondas de povo crescendo
Como se estivesse nascendo da terra!
Eu, com o coração em alvoroço,
Perdida na multidão...
Crianças entoando vivas, velhinhos cantando,
Mulheres gritando de emoção!

A palpar, como asas redivivas,
Surge a procissão das bandeiras!
À frente, a brasileira! Após, outras pendões
De outras nações companheiras,
De outras heróicas nações!

Tropel de passos em compassos marciais!
Sinos em ação de graças.
Tangendo nos torreões das catedrais!
Rufo de tambores!
Trompas, clarins, clarinetes
Saúdam os vencedores!

Clamores, gritos! — Lá vêm os capacetes:
Capacete de pano, capacete de couro,
Capacete de ferro, capacete de aço, capacete de ouro!
Soldado civilizado,
Soldado rude, obscuro,
Soldado branco, soldado escuro,
Vindos da verde planície, vindos da alta montanha,
Passam, batendo no chão
Os rígidos botins sovados na campanha.
Todos a cantar:

"E sol da liberdade em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria neste instante!"

Roupa que nem tem cor,
Cór de pólvora, cór de poeira
Pólvora dos obuzes — poeira da trincheira!

Um-dois! um-dois! Nos peitos vigorosos
Corações a bater, a bater,
Sem nem caber nos peitos de orgulhosos!

Canhões passando, tanks, metralhadoras!
Asas enormes rasgando os céus
Aviões — fortalezas voadoras!
Uma, duas, cinquenta, mil!
Gritos delirantes:
Viva Roosevelt! Vida Getúlio! Viva o Brasil!

Ai, filho, nesse dia...
Tu, com tua roupa de soldado,
Com teu fuzil a tiracolo,
Com teu rosto iluminado,
Com os teus braços estendidos,
Vindo, vindo para o meu lado...

Ai, filho, me vigia, toma conta de mim
Nessa hora emocionante...
Eu tenho medo de cair morta nesse instante!
Eu tenho medo de morrer,
De morrer de alegria
Antes de te ver!...

C L O T I L D E M A T T O S

HERDEIRO de uma linhagem ilustre, filho do capitão de Mar e Guerra Francisco Bonfim de Andrade e de d. Maria Amália Bonfim de Andrade, o professor Almir de Andrade é largamente conhecido e admirado nos círculos intelectuais do país, por suas qualidades de talento e de cultura.

Se os edifícios e os museus falam do grau intelectual de um povo, a casa de Almir de Andrade diz do valor espiritual e artístico do eminente homem de letras que é o seu dono.

A biblioteca vasta e escolhida — musical, literária, jurídica, — ao lado de um órgão e de um piano que deixam, pela noite a dentro, em alto estilo, sons de Chopin e de Bach a ressoar pelas paredes de livros clássicos, mostram as ascendentes escalas dos trinta anos de idade desse antigo aluno de Lachmund, em notas de talento, cultura e gosto artístico.

Vemos, assim, que organista e pianista são mais duas facetas da inteligência do jovem professor catedrático de Direito Constitucional.

ALMIR DE ANDRADE

DE ALVARO SALGADO

nal da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

Realizou os seus estudos secundários na Capital Federal, ingressando depois na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, onde, em 1931, se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais.

De 1931 a 1937 advogou no Foro do Rio de Janeiro. É membro da Ordem dos Advogados do Brasil.

Foi professor de Psicologia e Lógica no Colégio Universitário da Universidade do Brasil; de Psicologia Experimental na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1941, foi nomeado professor catedrático de Direito Constitucional na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, cargo que exerce atualmente.

Jornalista, colaborando no *Jornal do Brasil*, em *O Jornal*, no *Estado da Bahia*, em *Dom Casmurro*,

em *Literatura* e em *O Cruzeiro*, a facilidade com que Almir de Andrade aborda todos os gêneros de literatura provém da experiência na imprensa, onde labuta desde os dezessete anos, firmando, ainda adolescente, o seu prestígio nas páginas da *Revista do Brasil*, como crítico literário.

É diretor da revista *Cultura Política*, caderno, de altos estudos, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Almir de Andrade idealizou-a em moldes modernos, expondo em seletas colaborações assuntos inerentes à técnica administrativa, ao ensino, à política, à literatura, à história etc. Desde o seu início, em março de 1941, essa publicação tem logrado em todo o país e no estrangeiro uma notável repercussão, pela variedade e conteúdo de seus artigos.

Nascido nesta capital, a 5 de novembro de 1911, Almir de Andrade já possui uma bagagem literária de vulto.

Sua bibliografia, desde a estréia, em 1933, com o aparecimento de *"A Verdade sobre Freud"* (traduzida logo para o espanhol), em que, graças a rigorosas pesquisas a que procedeu, nos deu um estudo palpitante sobre teorias modernas, — vem sendo enriquecida com trabalhos de sociologia, quais sejam: *Da Interpretação na Psicologia* (crítica aos fundamentos da psicologia contemporânea), em 1936; *Aspectos da Cultura Brasileira*, em 1939; *Força, Cultura e Liberdade* (origem e tendência da evolução política do Brasil, em 1940); *Formação da Sociologia Brasileira*, vol. I: Os Estudos Sociais nos séculos XVI, XVII e XVIII, em 1941.

Poliíglota, Almir de Andrade verteu para o português vários autores americanos, ingleses e russos, nas obras: *A Psicandise ao alcance de todos*, de Joseph Castrow, em 1933; *O romance da medicina*, de Logan Cledeeming, em 1942 (autores norte-americanos); *Como vivem e sentem os animais*, de H. C. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells, em 1932; *Nossa vida mental*, dos mesmos autores, em 1940; *História e aventuras da vida*, idem, em 1940; *O Sexo e a vida*, id., em 1940; *O homem, a saúde e a doença*, id., em 1939; *Evolução dos seres vivos*, id., em 1941 (autores ingleses); *Os cossacos*, de Leon Tolstoi, em 1942 (autor russo) *O Mediterrâneo: destino de um oceano*, de Emil Ludwig, em 1942 (Autor alemão).

É tempo de chamar Almir de Andrade à ilustre Companhia.

Na moderna geração, o autor de *Força, Cultura e Liberdade* é um dos nomes que honrarão a Academia Brasileira de Letras.

DIRETOR DA ESTABILIZAÇÃO ECONÔMICA



ESTE é o sr. James F. Byrnes, da Corte Suprema dos Estados Unidos, recentemente nomeado pelo presidente Roosevelt diretor da Estabilização Econômica, com amplos poderes para controlar o custo da vida, salários, lucros, afim de manter firme a economia de guerra. (Clichê da Inter-Americana).



O FILHO DE NOSTRADAMUS

Romance heroico
de MICHEL ZEVACO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Em consequência daquele movimento, no qual não tomaram parte, nem mesmo tempo tiveram de tomar conhecimento dele, nem o rei, nem Ferrière. Beaurevers locou-se à frente do grupo, seguido por Strapafar e Corpodibale; após estes iam o rei e o visconde e, fechando a retaguarda, Trinquemaille e Bourcan.

O cavalleiro levantou sua espada e lançou, com voz estertórea, o seu grito de guerra:

— Beaurevers!... Royal de Beaurevers!

Os outros, e entre eles também o rei Francisco II, responderam a uma só voz:

— Beaurevers!

Atacaram furiosamente...

Beaurevers, lançando fogo pelos olhos, os cabelos ericados, espantoso na distribuição de seus golpes a fundo e de espalheiradas, abrindo crâneos e atravessando peitos com sua lâmina fulgurante, entrou como uma cunha de ferro naquela massa humana, rompendo as filas e abrindo um caminho, para os que o segulam, e que iam pisando corpos e empapando em sangue as suas botas de cano alto.

Em muito poucos segundos nossos heróis se tornaram donos do campo; ante eles a rua estava limpa de inimigos. Corriam como se tivessem os diabos a tirar-lhes "bichos dos pés", pois acreditavam que, refeitas as tropas por eles debandadas, se lançariam em sua perseguição. Correram, até que Beaurevers lhes deu a ordem de "alto!", surpreendido pelo silêncio que reinava na rua, esse silêncio que se segue sempre ao estupor das grandes e formidáveis derrotas.

— Eh?!... — exclamou Beaurevers, voltando a cabeça — Por que será que não nos perseguem?

Pentecostes e seus acólitos chegaram ao local do combate, gritando e rugindo como feras e o aspecto repugnante daqueles homens, que em nada se distinguia do populacho que haviam levado com eles, de tal modo impressionou o oficial que comandava as guardas, que acabou ele por se opor a continuar a perseguição.

— Mas isso é uma quadrilha de assassinos do Pátio dos Milagres que está solta pelas ruas! — disse para si mesmo, espantado, por se tratar de um oficial pundonoroso. — Então hei de lutar lado a lado com semelhantes canalhas? Antes quebraria a minha espada! Essa gente, sim, é que o chefe da ronda deveria mandar prender, e não aos outros, que poderão ser rebeldes ou huguenotes, como queiram, mas são valentes como eles sós!

Em virtude desta reflexão, ordenou às suas hostes que não se movessem, dizendo o mesmo ao senhor de Gabaston, quando aconteceu esta vir à sua presença para recriminar o seu proceder.

— Deram-me ordens para vigiar o bairro enquanto se faziam as buscas. Terminaram as buscas, pois que

o senhor lugar-tenente do preboste já se retirou, com suas forças de cavalaria e a maior parte dos alguazís, conduzindo os prisioneiros. Por conseguinte, nada mais me resta a fazer, e por isso me retiro com a minha tropa.

E, se assim disse, imediatamente o fez.

O senhor de Gabaston, que não era, positivamente, um marciano, e podemos dizer que era mesmo um covarde, além disso não era digno daquele cargo, tanto que, segundo as crônicas da época, foi enforcado poucos meses depois dos sucessos que aqui estamos relatando. Vendo-se rodeado apenas de uns quarenta arqueiros, acabou, não somente por aprovar a determinação do tenente dos guardas, como se apressou em seguir-lhe o exemplo.

E aí está como a força pública deixou de perseguir Beaurevers e o seu pequeno grupo. Mas não será preciso dizer que, se Rospignac estivesse presente, de maneira muito diferente iriam as cousas, pois o barão teria feito valer os "plenos-poderes" de que estava investido, para exigir a intervenção imediata dos soldados e arqueiros. Mas, quando teve conhecimento do que se passava, já era demasiado tarde. Além disso, como naquele momento passasse Guilherme Pentecostes sob a janela onde estava postado, correndo à frente de uma malta raivosa, que se tornara imponente por seu número, parecendo que estava decidido a vencer ou a morrer, resolveu não sair do observatório em que se achava, e de onde continuou a vigiar a luta.

Beaurevers e seus companheiros aproveitaram aquela confusão para adiantar terreno. Estavam formados em duas filas: Beaurevers, Francisco II, Ferrière e Bourcan iam à frente; Trinquemaille, Strapafar e Corpodibale fomavam a retaguarda. Não corriam, mas a verdade é que cominhavam a passos bem largos e apressados.

Com as roupas em frangalhos, cobertos de sangue e de poeira, com espadas e punhais nas mãos, as lâminas rubras do sangue que cobria também alguns copos, formavam dois grupos formidáveis, que faziam tremer os mais valentes que por acaso ainda encontravam por ali.

Ninguém, porém, tentou sequer cortar-lhe os passos. Eram realmente os donos da rua, e os escassos transeuntes que passavam por eles tratavam de colar-se à parede, para deixar que passassem livremente.

Beaurevers, que atendia a tudo, e tudo via, reparou que Francisco II capengava, e que aquele caminhar precipitado lhe era mui penoso.

— Estais ferido? — perguntou.

— Não — respondeu o rei. — Quando carregávamos sobre os bandidos, recebi uma pisadela. Mas não é nada, e dentro em pouco nada mais sentirei.

Tais palavras, muito longe de tranquilizar o cavaleiro, aumentaram sua inquietação, pois, apesar dos esforços que fazia para dissimular, Francisco II deixava transparecer no rosto, que se contraía, a dor que sentia.

— Vamos procurar chegar o mais depressa possível ao torreão da abadia — disse Beaurevers. — Há ali um muro que escalsemos, pulando para dentro do jardim e, de quintal em quintal, iremos ter à rua Vaugirard onde, ou muito mal irão as cousas, ou havemos de encontrar uma casa onde poderemos descansar e restaurar nossas forças. Se for preciso, carregar-vos-ei ao colo, ou aos ombros...

Este plano de Beaurevers era muito acertado, mas, para executá-lo, era necessário que chegassem ao torreão, e, se bem que isso fôsse relativamente fácil, por ser curta a distância, as hostes de Pentecostes vinham-lhes em cima e ameaçavam dar por terra com esse plano.

Beaurevers deu a voz de alerta a seu grupo, ordenando a seus companheiros que contivessem a Pentecostes e à sua gente o tempo necessário para que ele tomasse uma boa dianteira; então, tomando em seus braços o rei, pôs-se a correr com a sua preciosa carga, passou pelo torreão e caminhou mais uns cinquenta passos para chegar ao muro que unia as casas da rua do Carmo, à esquina da rua Saint Sulpice. Naquele momento, porém, seu ouvido sentiu o ruído de passos de outra tropa que avançava por aquelas duas ruas. Voltou então ao torreão, decidido a resistir e deixar-se até matar, mas levando pela sua frente quantos surgissem à sua vista.

Seus amigos reuniram-se-lhe no momento mesmo em que chegava ele ao sinistro torreão dos suplícios, da abadia de Saint-Germain.

A tropa, cujos passos ouvia, não era composta de bandidos nem da gente que obedecia a Pentecostes, mas se tratava de verdadeiros soldados, em pé de guerra, com reluzentes capacetes de aço nas cabeças, e couracas de couro.

— Maldição! — gritou o cavaleiro.

Estava desesperado o cavaleiro pela persistência com que a fatalidade acumulava os obstáculos e os perigos que iam surgindo passo a passo, à medida que os ia vencendo. Mas logo reparou na pesada porta de carvalho, forrada de pranchas de ferro e reforçada com enormes pregos... Essa porta não estava fechada!

Correu para ela o cavaleiro e a empurrou. Viu, no interior do torreão, um indivíduo — provavelmente o verdugo da abadia, ou talvez algum de seus ajudantes — que punham em ordem os objetos e instrumentos que enchiam aquele lugar sinistro. E o homenzinho cantava, despreocupado, uma canção báquica!

Beaurevers depositou no solo o rei, e agora, com o impulso de um pontapé tremendo, abriu a porta de par em par. Seus companheiros chegavam a correr, entrando todos como se fôsse uma tromba d'água ou de vento, e logo fecharam a porta por dentro, correndo os pesados ferrolhos.

Ante aquela invasão, tão violenta quanto repentina, o cantor quedou-se com a boca aberta, solta a última nota que se lhe sumira na garganta; e ficou a olhar para aqueles sete diabos, com as roupas rotas, cobertos de sangue dos pés à cabeça e todos eles tendo nas mãos punhais e espadas cobertos de sangue, como de sangue estavam também eles próprios cobertos dos pés às cabeças. O pobre diabo caiu de joelhos, com as mãos juntas, em gesto suplicante, sem poder falar, pois que os dentes lhe batiam uns contra os outros, o queixo a tremer.

Beaurevers tranquilizou-o.

— Não lhe faremos mal algum, rapaz — disse-lhe.

— Porém, se abrir a boca...

Não terminou a frase, mas estendeu para o pobre diabo o seu punhal, que gotejava vermelho, e o gesto foi tão expressivo, que o desgraçado, tremendo como um condenado, tapou a boca com ambas as mãos, em uma demonstração eloquente de que seria mudo.

Os fugitivos estavam extenuados. Faltava-lhes alento e apenas podiam conservar-se de pé. Francisco II e Ferrière sentaram-se em uma viga, respirando com força.

Beaurevers deixou também que seus quatro companheiros descansassem por um instante, dando-se a si mesmo o direito de um minuto de folga. Logo a seguir deram-se ao trabalho de levantar uma barricada por detrás da porta, para o que não faltava o material necessário naquele lugar.

Enquanto trabalhavam, dizia Beaurevers:

— Parece-me que os soldados que vinham pela rua Saint Sulpice diziam qualquer coisa; gritavam-nos...

— É verdade — interrompeu Francisco II. — Parece-me também ouvir que gritavam que não fugíssemos, pois que não eram contra nós...

— Deveras? — perguntou Beaurevers, sarcasticamente. — Mais uma cilada? Pois bem, que venham, pois que nos encontram melhor preparados do que mesmo poderiam supor.

Em um "espírito-santo- amém" estava levantada a barricada. Já em derredor do torreão gritavam as hostes de Pentecostes.

— A porta resistirá bem — disse o cavaleiro — e não poderão entrar aqui facilmente, a não ser que a façam voar com petardos. Mas, mesmo assim, poderíamos refugiar-nos lá em cima, e mantê-los à distância.

Dizendo isso cogitou logo de subir ao primeiro andar, que dava um balcão para fora, lugar que servia de pelourinho, onde expunham os desgraçados sentenciados pela justiça do abade.

O andar não era alto, e o cavaleiro logo percebeu que dali poderia muito bem impedir que o inimigo se aproximasse da porta, tanto mais que, afortunadamente, não faltavam projéteis. Seus companheiros quiseram subir, após ele, mas Beaurevers os deteve e, voltando à pesada porta, colocou-se junto à barricada, apurando o ouvido.

Interessante... O ataque esperado não se produzia. Os gritos, que anunciavam a presença de Guilherme Pentecostes e seus bandidos, terminaram repentinamente. Mas não havia dúvida que seus perseguidores continuavam rodeando as paredes do torreão dos suplícios; mas não era menos verdade que pareciam imóveis, como cravados no próprio sítio, ante algum acontecimento inesperado, talvez ante uma ameaça qualquer (os sitiados não podiam sabê-lo). O certo é que na encruzilhada reinava profundo silêncio.

Repentinamente, rompeu-se aquele silêncio inexplicável; mas não foram gritos e imprecações que se ouviram, e sim um canto doce, impressionante, infinitamente harmonioso em sua majestosa simplicidade. Um canto religioso, entoado por numerosas vozes varonís, a princípio débil como um murmúrio, mas em um "crescendo" vibrante, e, por fim, vigoroso em seu final.

— Oh! — disse Francisco II. — Que canto é este? Quem é essa gente que canta neste momento? Afianço que jamais em minha vida ouvi nada mais belo e comovedor.

— Senhor — respondeu-lhe Beaurevers. — Os que cantam são os mesmos a quem se acusa dos crimes os mais abomináveis que possa conceber a imaginação. São, em uma palavra, os protestantes. O canto que vos pareceu tão belo e comovedor, e o é de fato, resume salmos de David, traduzidos para o francês por Clement Marot. A música é de um trovador muito inspirado, Guillaume Franc.

— Protestantes? — exclamou, em uma pergunta, o rei, pensativo.

Beaurevers contemplou-o, por momentos, sorrindo maliciosamente, e, fazendo-lhe sinal para que não se movesse, subiu áquele balcão que servia de pelourinho. Eis o que viu ele:

De um lado, dando vista para a rua Bucí, Guilherme Pentecostes e a sua quadrilha de bandidos, que começavam a agitar-se; e, do outro, avançando pela rua do Corno, um grupo de vinte a vinte e cinco indivíduos, os mesmos que haviam obrigado Beaurevers a procurar asilo no torreão sinistro. Eram eles que faziam ostentações de sua fé com aquele canto comovedor, ao qual fizeram coro, de suas janelas, os poucos vizinhos das casas cujas fachadas davam frente para a pequena praça onde se levantava o torreão.

Os huguenotes avançavam para os hostes de Pentecostes, em atitude muito pouco promissora para o cúmplice de Rospignac, e sua gente.

A' frente do grupo guerreiro iam Liverdac e Monterrac, aos quais o cavalleiro havia encarregado de distrair os guardas que cercavam o caminho que ia ter á travessa da Córta. Os dois oficiais marchavam em linha reta, á frente da pequena mas aguerrida tropa, para o torreão da abadia. Beaurevers não se enganou a respeito de suas intenções: eram amigos que chegavam, com reforço magnífico e prodigioso.

Nosso herói desceu precipitadamente, exclamando, com entusiasmo:

— Viva Deus! Monterrac e Liverdac são, realmente, dois cavalleiros completos e valentes!

Apressou-se, ajudado pelos seus homens, em desfazer a barricada, com grande surpresa de Francisco II e de Ferrière, que se perguntavam a si próprios se seu amigo não enlouquecera. Bouracan, Strapafar, Trinquemaille e Corpodibale secundavam-no, sem uma só palavra, impassível, sem de nada assombrar-se, mas ajudando o chefe com a rapidez e o cuidado que sempre punham ao serviço de seu "guri" — como lhe chamavam, quando tomados de ternura.

— Sabeis, senhor — ia dizendo Beaurevers, entretanto, para o rei — quem vem á frente desses bravos huguenotes? Os senhores de Liverdac e Monterrac... Os dignos oficiais nos trazem reforços... e que reforços! A batalha vai começar, mas desta vez com forças iguais, ao ar livre, e ainda há um pouco de luz para que possamos combater á vontade! Oh! Agora veremos de quem a vez de rir!

Bateram á porta, e uma voz gritou:

— Abram, meus senhores... São amigos.

Beaurevers abriu, imediatamente. No umbral estavam os dois oficiais que, ao ver o cavalleiro, tomaram posição de "sentido" militar, saudando-o com a apresentação de suas armas.

— Senhor — disse um deles. — Não nos tendo sido possível levar a cabo a missão que nos confiaste, para que nos fizéssemos perseguir pelo maior número possível dos guardas que vos interceptavam o caminho, vimos que nosso fracasso vos punha em eminente perigo e grande aperto. Para reparar o mal, então, tratamos logo de reunir esta tropa para ver se ainda chegávamos a tempo; toda esta gente é nossa correligionária... E aqui nos tendes ás vossas ordens.

— Disponde de nós como vos aprouver, senhor — acrescentou o outro. — Vossas ordens, quaisquer que sejam, serão cumpridas sem dilação.

Beaurevers contemplou-os, por um instante, frio e impassível, e logo, voltando-se para o rei, perguntou-lhe:

— Que dizeis, senhor?

— Digo — respondeu Francisco II — que me vejo na presença de dois cavalleiros sem mancha, dois homens de coração e de pundonor.

Os dois fidalgos inclinaram-se ante ele, como fidalgos que agradecem a um seu igual por um cumprimento elogioso.

— Senhores — disse então Beaurevers, ante quem os dois huguenotes voltaram a perfilar-se, — cumpriestes com juro honrosíssimos o que prometteis. Fizestes muito mais do que devíeis. Agora sou eu quem vos fica obrigado e espero que se me oferecerá oportunidade para demonstrar-vos que o Cavalleiro Royal de Beaurevers sabe pagar as dívidas de gratidão que contraí. Não sou eu quem, neste momento, daré ordens, mas me cumpre antes acatar as vossas se, como acredito, vossa intenção é dar uma lição, por certo muito merecida, a esse bando de malfetores, de bandidos assalariados, que temos em nossa frente.

Enquanto os chefes trocavam esses cumprimentos, os huguenotes haviam-se aproximado, em formação de combate. Assim, de um lado do torreão estavam os soldados huguenotes, em formação disciplinada; do outro, a gente de Pentecostes, desorganizada, amontoada, ululante.

Era surpreendente mesmo que o combate já não tivesse começado. E' que Pentecostes vacillava. As forças do bandido eram superiores, em número; mas os huguenotes eram reais soldados, levando coragem e isso, em se tratando de um encontro a armas brancas, constituía real vantagem. Além disso, não podia contar muito com a gente que o cercava, recrutada em meio da multidão, indivíduos acostumados a assassinar pelas costas, para a pilhagem, capazes de cometer todos os crimes imagináveis, contanto que isso não viesse a representar risco maior para eles. Com isso Pentecostes temia, com razão, que se desse um imediato debandar, após o primeiro assalto.

Podia contar apenas com a gente que estava a soldo de Rospignac, mas, ainda que se tratasse de homens decididos e valentes, toda tentativa que fizesse seria em vão, pois que teria forçosamente de se render ante a superioridade numérica do inimigo, já que daquele famoso esquadrão de ferro não sobrava mais que uma dúzia de homens.

Guilherme Pentecostes estava disposto a retirar-se, sem prejuízo de poder voltar quando os malditos huguenotes lhe tivessem deixado o campo livre. Mas, no momento em que ia dar a ordem de retirada, apareceram na porta do torreão Beaurevers e Francisco II, e não teve ele outro recurso senão tentar fazer o que pudesse, pois tinha a certeza de que Rospignac estava á espreita, e do seu observatório podia abarcar toda aquela cena, não havendo, portanto, qualquer meio de enganá-lo. Em consequência, disso tomou suas disposições para começar o combate.

Os huguenotes, quasi todos fidalgos, sentiam um certa repugnância por ter que bater-se contra aquele povilão.

— Retirem-se daqui, canalhas, se não querem que os esfolemos vivos! — gritou um protestante, em tom depreciativo e imperioso, avançando alguns passos até bem perto das hostes de Pentecostes.

— Morram os hereges! — foi a resposta.

— A' fogueira com os hereges! — outro grito.

— Sus!... Sus! contra eles! — gritavam os bandidos, em conjunto.

Sabiam que era o melhor meio de exasperar os protestantes, que lhes responderam com seu grito de guerra:

— Morram os papistas!

Iniciou-se aquela verdadeira batalha.

Conforme Guilherme Pentecostes havia previsto, a quadrilha de bandidos que se lhe agregara em caminho, pronta ao assassinio e á pilhagem, mas não a um verdadeiro combate, desapareceu como por encanto á primeira investida dos huguenotes, salvo apenas uns dez ou doze, que não desertaram o posto que lhes fôra confiado. Mas a verdade é que Pentecostes não mais se preocupou com eles, certo de que só poderia contar e confiar em seus homens.

Os protestantes, verdadeiros soldados, dividiram-se em três grupos, que penetraram como cunhas na tor-

ba ruidosa, caminhando fundo como verdadeiras cunhas impelidas a marteladas. A manobra foi tanto mais rude quanto também Pentecostes dividira sua gente em dois grupos. O primeiro deveria fazer frente ao grosso dos atacantes, mas, sentindo o peso do assalto daqueles soldados, retirou-se logo em direção à rua de Bucí e dos Açougues. Essa retirada, efetuada aliás com muita habilidade, tinha por objeto afastar os huguenotes de junto do torreão da abadia, com o que, por conseguinte, ficaria isolado o grupo composto de Beaurevers, do rei, e seus companheiros, aos quais voltaram espontaneamente a se unirem os dois oficiais Monterrac e Liverdac.

Caberia ao segundo grupo, composto de uns quinze homens escolhidos, atacar Beaurevers e o conde de Louvre e, mortos estes, Pentecostes daria o sinal de debandar, visto como, com o desaparecimento dos dois, estava finda a sua missão.

Realmente, tendo ele sido pago, e pagando aquela sua gente, apenas para assassinar o rei e o cavaleiro, que necessidade tinham de matar os demais e, o que era peor, deixar-se matar como idiotas pelos huguenotes, contra os quais não tinham sido enviados?

A manobra de Pentecostes deu ao menos em parte o resultado desejado, pois que Beaurevers se viu isolado.

Ante a situação, o cavaleiro encarregou seus quatro amigos da guarda e defesa do rei. Disso resultou que Trinquemalle, Strapafar, Bouracan e Corpodibale deixavam a Francisco II completa liberdade de ação, aparentemente pelo menos, pois que lhe permitiam entrar no "brinquedo", batendo-se a seu bel prazer; quanto a eles, ocupavam-se mais em parar os golpes dirigidos contra o monarca do que em atacar o inimigo e, sem que o rei o pressentisse, foram-no empurrando para sítios que não lhes pareciam tão perigosos.

Beaurevers, tranquilo pela segurança do rei, e isso era o que mais lhe importava no momento, pôde, então, consagrar-se inteiramente à ofensiva, que levou a cabo com a impetuosidade que todos lhe conheciam, e que naquele instante se transformava em verdadeira ferocidade.

Em poucos minutos ficou a praça coberta de corpos, de mortos e feridos, de ambas as partes, pois, se, por um lado, os huguenotes se batiam valentemente, e se tratava de verdadeiros mestres de armas, por outro lado os indivíduos do famoso esquadrão de ferro da rainha ganhavam "honestamente" seu dinheiro, a paga que lhes fora oferecida, não só opondo uma resistência feroz, mas também atacando não menos ferozmente. Aqueles assassinos eram também valentes até a temeridade, e Rospignac, que os escolhera e era seu chefe, podia realmente estar orgulhoso deles, pois que podiam morrer combatendo, mas jamais abandonavam o campo de luta, senão quando recebiam ordens nesse sentido.

A PRISÃO

A verdade é que Guilherme Pentecostes não tinha ilusão alguma a respeito do desfecho daquela luta. A menos que não se realizasse um milagre, sabia muito bem que não conseguiria o objetivo essencial, o fim collimado por aquele plano tão bem traçado e que se esboçava: matar o conde de Louvre e apanhar vivo ou morto a Beaurevers. E vamos dizer mesmo que já desistira de apanhá-lo vivo...

Mas, por outro lado, compreendeu, também, que não poderia desistir e daí, encorajando seus homens, que o secundavam eficazmente, pelejava com verdadeiro denodo. Se bem que estivesse convencido de um fracasso, entretanto nem de longe esperava uma derrota tão completa como a que, infelizmente para ele, lhe estava reservada.

Os estratagemas, como aquele empregado por ele, se não dão resultado imediato, são sempre causa de um desastre, que por isso mesmo se torna infalível, isso teve de conhecer Pentecostes à própria custa.

Beaurevers não percebera que o haviam separado do grupo de huguenotes. O furor da batalha se apoderara dele e ficara-lhe apenas uma idéia fixa: matar quantos inimigos pudesse, já que o haviam posto no momento mais difícil de sua vida aventureira.

Tirou das mãos de Bouracan a sua acha de ferro, e atacou furiosamente. Ferrière e os dois oficiais huguenotes iam-lhe nas águas naquela carnificina espantosa. O cavaleiro esgrimia sua massa como um louco, atacando à direita e à esquerda, pulando para diante e para trás, levantando-a e abaixando-a rapidamente, com a violência e a rapidez de um furacão, destroçando tudo quanto encontrava em sua frente.

Baixava e levantava os braços incessantemente, e o fazia de tal maneira, que esses gestos eram tão vivos que pareciam mesmo simultâneos. Cada vez que caía a terrível barra de ferro, caía também um inimigo, em geral com o crânio partido ao meio.

Em poucos minutos estava o chão juncado de corpos, feridos e cadáveres, e o feito do cavaleiro arrancava gritos de admiração entusiasmada de seus companheiros, ao mesmo tempo que de espanto de seus adversários.

Ferrière, Francisco II, seus quatro guarda-costas e os dois oficiais o ajudavam naquela investida louca; ajudavam-no também, valentemente, e já podiam considerar-se senhores daquele campo de batalha, pois que diminuiu o número de seus agressores, enquanto todos eles continuavam de pé, e, mais que isso, árdigos no combate.

Dentro em pouco os espadachins estavam mesmo derrotados em toda a linha. O que poderia ter sido um simples fracasso, na esperança de Pentecostes, recundou em verdadeiro desastre.

Por seu lado, os protestantes, mais numerosos e melhor armados, logo liquidaram o grupo da gente de Rospignac, o grupo que Pentecostes lhes havia oposto, com o fito de tirá-los do local onde estava Beaurevers com seu grupo, e onde devia desenrolar-se a ação principal, a que tinha mais importância a seus olhos; por isso, não tendo mais inimigo em sua frente, voltaram à primitiva área de luta, e atacaram pela retaguarda o bando que atacava Beaurevers.

A situação deste bando era realmente muito crítica, pois que, além de dizimados já, Beaurevers e seus companheiros não cessavam de pôr sempre mais e mais inimigos fora da luta; no entanto, ante o arrôjo e a bravura que demonstravam, apesar de bandidos, era de crer que se bateriam em retirada honrosa, sem apelar para a fuga vergonhosa.

Entretanto, foi isso que sucedeu, e de uma maneira que, parece, foi Beaurevers o único a perceber, apesar de que, vendo-se o cavaleiro em luta, se poderia crer ter enlouquecido e a nada mais prestava atenção senão ao inimigo que tinha em sua frente, e por isso incapaz de raciocinar ou de observar qualquer coisa.

Pois foi no momento em que os protestantes atacavam o grupo pela retaguarda que da rua de Bucí partiu um assobio estridente, que, sem dúvida, era um sinal convencional, pois Guilherme Pentecostes respondeu com outro assobio, também estridente, mas modulado de maneira diversa e, sem mais cuidar de seus homens, girou sobre os calcanhares e fugiu velozmente em direção à rua dos Açougues.

Foi então que seus companheiros, vendo-o fugir, e compreendendo que não tinham mais chefe, abandonaram a luta e fugiram em todas as direções, menos pela rua de Bucí, por onde ninguém passou.

Animados pelo desejo da luta e talvez levados por um desejo muito natural de vingança contra aqueles que, sem razão, os perseguiram encarniçadamente, os

protestantes correram atrás dos fugitivos, resolvidos a não dar-lhes quartel.

Quanto a Beaurevers e seus companheiros, preferiram permanecer no campo em que se desenrolara a luta, campo do qual eram agora donos absolutos, estando a poucos passos do torreão. Montarrac e Liverdac deixaram-se também ficar ao lado deles.

— Vitória! — exclamou, alegremente, Francisco II. — Vitória completa! Mas que batalha!... Uma verdadeira batalha, por minha fé!... Olhe só, cavalheiro...

Mas não terminou a frase, notando quão sério e preocupado se achava o seu valente companheiro e guarda, e com isso se transformou em viva inquietação a sua alegria infantil. E seus companheiros, que se mostravam tão alegres quanto ele, também se tornaram presa de um inexplicável malestar.

Ah!... Beaurevers não cantava vitória!...

Muito pálido com o cabelo desganhado, decomposto, os olhos quasi fora das órbitas, parecia o cavalheiro a personificação da fúria e do desespero o mais espantoso. E, como seu olhar estivesse fixo na rua de Bucí, voltaram-se todos para aquela direção, escutando.

O estrépido da luta não lhes permitira ouvir o ruído, que agora se acentuava como o de um trovão longínquo, de uma numerosa tropa de cavalaria que avançava a galope.

— Os guardas do rei! — murmurou um dos oficiais. — Pois vamos de mal a peor!

— Sim, são os guardas do rei — repetiu Beaurevers, em um indescritível acesso de ira. — E foi por isso que fugiram esses miseráveis, como um bando assustado de aves de rapina! Eles de tudo sabiam! O assobio, que tanto me intrigara, era o sinal entre eles convencionado para avisar-lhes a aproximação da guarda real!

E, rindo como um louco, continuou:

— Maldição!... Agora é a guarda do rei!... Mas então escaparam do inferno todos os demônios, para não nos deixar hoje um só momento em que possamos respirar?

O caso era mesmo para desprezar, após todas as emoções daquele dia, ou melhor, daquela tarde trágica. Não que Beaurevers temesse a guarda real mais que os assassinos que pusera em fuga vergonhosa; mas as forças humanas têm seu limite, e Beaurevers, com sua gente, não tinha tido um só minuto de descanso, desde as três horas da tarde.

Bem compreendia ele que não lhes sobravam forças para aparar o novo golpe. Ali estava uma companhia inteira, de cem homens, que vinha cair sobre eles, no momento mesmo em que contava o cavalheiro estar tudo terminado...

Sabia muito bem que bastaria um gesto de Francisco II para que aquela tropa voltasse, a rédeas soltas, como se aproximava; mas isto era precisamente o que mais o desesperava, pois isso importaria para ele em uma humilhação insuportável.

Beaurevers havia posto todo o seu orgulho em salvar o rei com seus próprios meios, e por isto havia vencido tantos obstáculos e desafiado tantos perigos. Antes de entrar em ação, chegara mesmo a aconselhar ao rei que se desse a conhecer, ou que pedisse reforços, e semelhante conselho falava bem alto em seu favor, pois que jamais se extremara de prudência quando perigava apenas sua vida. Mas, uma vez entolada a luta, imensa, da qual, entretanto, ia saindo vencedor sem necessidade de revelar a personalidade do Conde o Louvre, parecia-lhe que semelhante deliberação, que tal determinação seria a mais horrível das humilhações que pudesse ser imposta, não somente ao rei, mas também a ele próprio, uma confissão, não diremos de fraqueza, mas de impotência, que o deshonraria.

Essa, a razão do acesso de furor de Beaurevers, chegando às raízes da loucura, o que assombrou e aterrorizou seus companheiros, os quais nem de longe poderiam suspeitar a causa daquela mudança tão brusca.

Somente Francisco II adivinhou o que se passava no íntimo de seu companheiro e, por isso, pondo-lhe a mão no ombro, disse-lhe, muito sério, com acento de profunda convicção:

— Ora!... Sucederá aos guardas do rei a mesma coisa que aconteceu aos outros! Vós os derrotareis, meu amigo.

Beaurevers acenou significativamente com a cabeça. Não abrigava a mesma confiança do rei. Mas, como não era homem que renunciasse tão facilmente a uma empresa arriscada, exclamou, com voz rouca:

— Para o torreão!

Para ali, obedecendo àquelas ordens, correram todos. Mas encontraram a porta fechada!

O indivíduo a quem haviam surpreendido ali dentro, ocupado em seu trabalho ordinário, tinha tomado às de Vila-Diogo, aproveitando o momento em que eles haviam saído para dar combate à gente de Pentecostes; tantos, porém, tomara o cuidado especial de fechar a porta, carregando consigo a chave.

Enquanto isso, a guarda real aproximava-se a galope, e caía-lhe em cima. Teria sido inútil fugir, pois que os soldados montados os alcançariam com presteza. ~~Nestas condições não havia outro remédio~~ e não fazer-lhes frente. E Beaurevers deu imediatamente as suas ordens.

A um sinal seu, Bouracan, Corpodibale, Trinquemaille e Strapafar colocaram o rei junto à parede do torreão da abadia, e, formando uma fila ante ele, o escudaram com seus corpos. Ferrière, Liverdac e Montarrac puseram-se em fila também, à frente daqueles, e Beaurevers, sozinho, com a espada desembainhada em uma das mãos e o punhal na outra, pôs-se à frente do pequeno grupo. Nestas condições, para chegar até Francisco II, teriam os atacantes de derrubar primeiro aquela tríplice barreira de aço, e para fazer isso teriam de atacar de frente.

Os guardas reais desembocaram na rua Bucí em filas de quatro e, uma vez na praça, desdobraram-se em linha de batalha, formando um semi-círculo. O centro desse semi-círculo destacou-se e avançou a rédeas soltas em direção a Beaurevers, enquanto as duas alas daquela força avançavam, por sua vez, em direção ao torreão.

Com essa manobra, levada a efeito com admirável precisão e rapidez assombrosa, o cavalheiro e seus amigos ficaram como que encerrados em uma rede, da qual não haveria meio de poder escapar.

Beaurevers, como que preso ao solo, dominando-se mas lançando fogo pelos olhos injetados de sangue, parecia que ia atacar, assim mesmo, cego de furor. Mas não se moveu.

Por que? E' que os soldados, terminada aquela manobra, estacaram subitamente. O mais interessante é que nenhum deles desembainhara a sua espada. Conservavam-se todos tesos, em suas selas, imóveis, silenciosos, com a mão na ilharga, o braço arqueado, em postura elegante, como se uma invisível vara mágica os tivesse convertido em estátuas equestres.

Destacou-se, então, o oficial que comandava aquela força, e dirigiu-se para o grupo, a espada na bainha.

Beaurevers sentiu desde logo a impossibilidade em que estava de atacar homens que conservavam suas espadas em seus cinturões; mas continuou alerta, com o sentido tenso, esperando um gesto, uma palavra, que lhe permitisse saltar, como um tigre de alcáteia, para estraçalhar, com suas garras poderosas, quem primeiro se chegasse ao alcance de seus braços, ou da ponta de sua espada.

Sucedida, entretanto, que o oficial continuava a avançar, tranquilamente, parecendo mesmo que se surpreendia com a atitude daquele grupo ameaçador,

ali, junto áquele monumento de infâmia e desespero.

Vendo os corpos que jaziam na esplanada, banhados em seu próprio sangue, não pôde, entretanto, deixar de dizer, para consigo, com respeitosa admiração:

— Se foram estes homens que fizeram tal estrago, bem rudes adversários devem ser. Viva Deus!... Vejo mais mortos e feridos, estendidos no solo, do que combatentes de pé.

— Olá! — disse. — Sois o cavalheiro de Beaurevers?

— Eu mesmo — respondeu o jovem, no mesmo tom em que poderia ter dito: "Guardai-vos, que vou matar-vos!"

O oficial descobriu-se, cortêsmente, inclinando-se sobre o pescoço de seu cavalo.

— Perguntei — continuou ele — por vos achardes em estado tão deplorável, que nem mesmo Belzebú vos teria reconhecido. Senhor de Beaurevers — continuou, no mesmo tom de afabilidade — vêde em mim um dos vossos mais humildes admiradores.

O caso era tão extraordinário, tão imprevisível, que o cavalheiro se deixou tomar de estupefação, ficando perplexo, não sabendo se o oficial trocava dele, devendo então corresponder-lhe da mesma forma — ou talvez de modo violento, ou se estava falando seriamente. Mas respondeu imediatamente, devolvendo a saudação com estas palavras:

— Senhor de Genlis, eu é que sou vosso admirador e servidor.

Tendo dito isto, retomou sua primitiva atitude, sempre receoso de que estivesse armando-lhe uma cilada. Mas, na verdade, o oficial, a quem chamara de Senhor de Genlis, prosseguiu, tranquilamente:

— Rogo-vos, senhor cavalheiro, que tenhais a bondade de dizer-me qual de vossos companheiros é o senhor Conde do Louvre.

Beaurevers não teve tempo de responder. Com gesto irresistível de autoridade, Francisco II separou-se de seus guardas e, dando um passo à frente, colocou-se ao lado do cavalheiro de Beaurevers:

— Sou eu o Conde do Louvre!

Genlis mediu-o da cabeça aos pés, denotando grande assombro, e o saudou como se o fizesse a uma dama. O rei, despeitado, devolveu-lhe a saudação, com suprema altivez.

— Pois bem, senhor Conde do Louvre — disse-lhe o oficial, com a mesma tranquilidade e indiferença. — E vós, senhor Cavalheiro de Beaurevers... Tenho a honra de dizer-vos que vos considero meus prisioneiros.

FLORINDA TRABALHA

VOLTEMOS atrás, para uma melhor compreensão de tudo quanto estava se passando naquele momento.

Florinda havia saído, conforme manifestara, com o propósito de ir comprar uma corda para o fim de facilitar a evasão de Beaurevers e de seus companheiros da casa onde se achavam sitiados. Esse seu propósito, entretanto, não era mais que um pretexto para afastar-se dali.

A jovem tinha concebido a execução de um plano, e foi para levá-lo a efeito que tirou de seu cofre as duas bolsas que continham todo o dinheiro que conseguira economizar.

Florinda, que não contava com qualquer apoio estranho, sabia perfeitamente que é o ouro a alavanca mais poderosa que pode levantar mesmo um mundo, e foi para poder levar avante o seu projeto que se muniu de seu ouro. Não era para comprar a corda, que para isso não necessitava de tanto...

Acreditava ela que teria tempo de levar a cabo aquele plano, fundando sua crença nas palavras trocadas por Beaurevers e pelo Conde do Louvre, e que ela ouvira, escutando indiscretamente detrás da porta.

Beaurevers havia dito que se encarregava de manter aquela posição contra quaisquer ataques, até o cair da noite, e sendo isso dito por ele, Florinda não lhe punha a menor dúvida. Pelo visto, dispunha então de umas três ou quatro horas para a realização do projeto, para cuja execução, segundo seus cálculos, não empregaria mais de hora e meia, se tanto durasse. Claro está que não pensava deter-se no caminho, nem contava perder um minuto sequer de tempo tão precioso.

Mas enganara-se em seus cálculos, por causa da absoluta confiança que tinha em Beaurevers, ou melhor, a mais absoluta confiança, pois que estava acostumada a ver que o jovem cavalheiro cumpria sempre, e a pesar de tudo, quanto prometia.

Não levou em conta que Beaurevers poderia ver-se em situação tão crítica, que talvez pudesse obrigá-lo a uma fuga como único meio de salvação, como de fato sucedeu.

Assim sendo, Florinda não achava que fôsse necessário começar a sua ação por comprar a corda; mas, quando na rua do Sena se encontrou com Ferrière, prudente e sagaz como sempre fôra, achou que nunca seriam demais quaisquer precauções, por mais que fôsem, e já que a Providência lhe punha em seu caminho um amigo de Beaurevers, um amigo fiel e sincero, não devia deixar fugir a oportunidade que se lhe deparava. Por isso chamou o visconde, e recordou-lhe a amizade que o obrigava a agir imediatamente, dando-lhe as instruções e informações necessárias, ao mesmo tempo que lhe recomendava toda atividade possível. Já sabemos que realmente o visconde tratou de agir com presteza, de modo que foi por verdadeiro milagre que não chegou ao local do sítio demasiadamente tarde.

Mas sigamos Florinda, para saber, na realidade, que planos tinha ela concebido, e como se desenrolavam esses planos.

Quando se seprau de Ferrière, a jovem dirigiu-se para a porta de Nesle, sem correr, mas com o passo ligeiro e gracioso que lhe era peculiar, talvez um pouco mais vivo que de costume, para ganhar os minutos que perdera tendo parado ao lado do visconde, para pô-lo a par da situação. Mas o certo é que caminhava sem vacilação, como quem está certa do que vai fazer, para onde se dirige, e quais os obstáculos que terá de enfrentar.

No cais dos Agostinhos, em frente ao convento, e junto ao castelo Bahard, que se levantava a poucos passos da Torre de Nesle, havia uma descida íngreme, sem degraus, que levava à margem do rio. Ao pé dessa rampa havia meia dúzia de barcas, cada uma delas com um par de remadores. O embarcadouro ficava um pouco mais acima; mas, como não era ainda regular aquele serviço, os pobres diabos estacionavam ali, com a esperança de que algum passageiro mais apressado se utilizasse de seus botes para fazer a travessia.

Florinda devia conhecer esses detalhes, tanto que, sem titubear, se dirigiu áquelas paragens. Antes de ali chegar tirou, de uma das suas bolsas, dois escudos de ouro, novinhos e reluzentes, com a effigie do falecido rei Henrique II, e, no reverso, quatro "H" coroados, formando uma cruz, com uma flor de "lis" em cada ângulo.

Saltou para o bote que mais depressa encontrou, e pôs logo na mão calosa de um dos barqueiros as duas moedas de ouro, apontando-lhe o palácio do Louvre, que se levantava na margem oposta, dizendo-lhe:

— Depressa!... O mais ligeiro que puderem!

Os pobres barqueiros, que disputavam os passageiros à razão de vinte centimos por cabeça, para fazer a travessia, remaram com tanta força que o bote parecia voar, e não deslisar sobre a água do Sena. E, poucos minutos depois, Florinda, acompanhada

das bênçãos daqueles pobres coitados, desembarcava no calç, a poucos passos da rua do Avestruz, que mais tarde veio a chamar-se do Louvre, e que então era a para a qual dava a frente principal do palácio.

Em dois saltos estava junto ao portão, mas desde logo teve de discutir um bom pedaço de tempo com o oficial da guarda, a quem disse que era portadora de uma mensagem importantíssima e urgente para o Senhor Griffon, ajudante camareiro de Sua Majestade. Era um recado da parte de um seu parente, o Conde de Louvre...

E' de supor que Francisco II havia previsto o caso, pois, assim que Florinda acabou suas palavras, o oficial a acompanhou pessoalmente ao porteiro do palácio, a quem expôs os desejos da jovem, que desejava ser imediatamente levada à presença do senhor Griffon.

Não pensem que as palavras ajudante de camareiro e porteiro tinham o mesmo significado de hoje. O porteiro do Louvre era um personagem muito importante, da categoria dos gentis-homens. Recebeu Florinda com a cortesia de um grão-senhor que fala com um plebeu; porém, embora mais amável, não se mostrou tão complacente quanto o oficial de guarda.

— Saiba a menina que não se pode interromper assim, sem mais nem menos, o senhor Griffon — disse ele. — Bofé, rapariga! O ajudante de câmara de Sua Majestade não é um qualquer, e antes de se fazer chegar até ele uma mensagem, preciso se torna saber se vale a pena...

Assim dizendo, voltou-se para Florinda, submetendo-a a um interrogatório em regra.

Tremendo de impaciência, e compreendendo que o ouro que levava de nada lhe servia naquela ocasião, Florinda se viu obrigada a responder, e o fez com inteira franqueza enquanto as perguntas se referiam somente a ela; mas, quando o porteiro-mór quis ir mais longe, e pediu-lhe pormenores acerca do Conde de Louvre, a quem, logo se via, ele não conhecia, e quis ainda saber qual a mensagem de que era portadora, então a jovem atalhou, dizendo:

— Recebi ordens terminantes de comunicar somente ao Senhor Griffon, em pessoa, a mensagem que trago; por isso tenho de ater-me às ordens recebidas e não posso corresponder com uma traição à confiança que em mim depositaram. A única coisa que posso dizer-lhe é que o Senhor Griffon não somente não se aborrecerá, se o interromperem por isto, mas até lhe ficará muito agradecido pela pressa que tiver em anunciar-lhe a minha visita.

Como se vê, Florinda mentia descaradamente; fazia-o, porém, fundada também na absoluta confiança que lhe mereciam todos os atos e todas as palavras de Beaurevers. Ela ouvira o cavalheiro dizer que Griffon trataria logo de auxiliar o Conde do Louvre, se soubesse a situação crítica em que ele se achava, e estava mesmo persuadida de que deveria ser. A mentira, no caso, consistia simplesmente em que não tinha sido ela enviada pelo Conde do Louvre, mas que se apresentava por decisão própria, cedendo, ao próprio impulso. Por outro lado, conhecia ela muito bem a Beaurevers, e temia que ele reprovasse aquela intervenção que julgava inoportuna.

Vamos confessar que fôra este temor, unicamente, que a tinha feito vacilar; mas resolvê-la ir para diante, levada pelo ardente desejo de mostrar ao cavalheiro o seu agradecimento, livrando-o do perigo em que se encontrava por culpa dela, pois que a ela mais interessava Beaurevers do que verdadeiramente o conde. Este — cuja verdadeira personalidade Florinda começava a suspeitar — lhe inspirava viva simpatia, e a rapariga estava realmente preocupada pelas atenções extraordinárias que Beaurevers tinha para com ele.

Florinda não duvidava de que o senhor Griffon faria o que ela esperava que fizesse, quando viesse a saber

o que se passava; mas o essencial era poder falar com ele. A jovem tinha a certeza de que isso lhe custaria um pouco, mas não esperava realmente que viesse a tropeçar com tantas dificuldades. Sentia-se mesmo desesperada por lhe fazerem perder tanto tempo, visto como assim corria o risco de chegar demasiadamente tarde. Por isso experimentou uma grande alegria, quando aquele porteiro-mór, recioso e perguntador, acabou por lhe dizer:

— Está bem. Vou avisar o Senhor Griffon, não garanto-lhe, menina, que não terá vontade de voltar aqui, se o assunto não for tão importante como diz.

— Posso garantir-lhe que ele não se aborrecerá e que, pelo contrário, muito me agradacerá por ter vindo sem perda de tempo, e também agradacerá ao senhor mesmo, por não me ter feito esperar demasiadamente.

O porteiro assentiu, com um movimento de cabeça, e saiu, fechando a porta, de modo que Florinda ficou como prisioneira, ali na portaria. Sentou-se então em um banco, e ficou à espera, sem desconfiar de coisa alguma, mas com certa inquietação, à medida que o tempo ia passando.

AS PRECAUÇÕES DE CATARINA DE MÉDICIS

VEJAMOS agora a importância que deu o porteiro-mór à recomendação de Florinda, para avisar com toda a urgência o ajudante do camareiro de Sua Majestade.

Saindo da portaria, deu ele algumas instruções a um laçao, tipo alto e seco que parecia atoleimado. Dizíamos parecia, pois que seu olhar malicioso e astuto desmentia imediatamente qualquer suposição que se pudesse fazer de se tratar de um bobo.

O laçao dirigiu-se aos aposentos reais; fê-lo, porém, distraidamente, com uma lentidão que seria desesperadora para Florinda, se a visse. Chegando ao pátio de honra, que teria mesmo de atravessar, detinha-se a cada passo, ora para admirar um cavaleiro que passava, ora para examinar um cavalo, como se tivesse intenções de comprá-lo.

Se Florinda o tivesse visto, ficaria admirada daquilo tudo, e se perguntaria, com grande inquietação, se o canalha acabaria ou não de atravessar aquele pátio.

O porteiro-mór tomou outra direção. E' a ele que vamos seguir nesta nossa nova digressão.

Enquanto o laçao queria imitar o passo de uma tartaruga, o contrário se dava com o porteiro, que corria quasi, como se lhe tivessem posto asas aos pés, dirigindo-se aos aposentos da rainha-mãe, Catarina de Médicis.

Sem deter-se, prodigalizando sorrisos e reverências à direita e à esquerda, apressou-se em atravessar um salão onde se achavam reunidas as damas-de-honra da rainha, e entrou em uma sala deserta, ocultando-se por detrás das cortinas de uma janela.

Poucos momentos depois, apareceu nessa sala uma das damas que se achavam no salão por onde o porteiro acabava de passar. Dirigiu-se imediatamente para a mesma janela, levantou a cortina de seda e, colocando-se ao lado do porteiro, entabularam a seguinte conversação, em voz baixa:

— Vieram perguntar por Griffon, da parte do Conde do Louvre. Parece que o assunto é muito importante e muito urgente.

— Quem é que veio?

— Uma jovem chamada Florinda.

— A pequena que lê a *bucna-dicha*?

— Essa mesma.

— Por que quer ela ver o senhor Griffon?

— Não consegui que me dissesse.

(Continua no próximo número)

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina.
Do Laboratório Bacteriológico da Saúde
Pública Catedrático da Escola de
Medicina e Cirurgia. Docente da
Faculdade Nacional de Medicina.

SEÇÃO DE ANÁLISES CLÍNICAS:
EXAMES DE SANGUE, PÓS, ETC.
CONFEÇÃO DE VACINAS
AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

Telefone: 22-1385

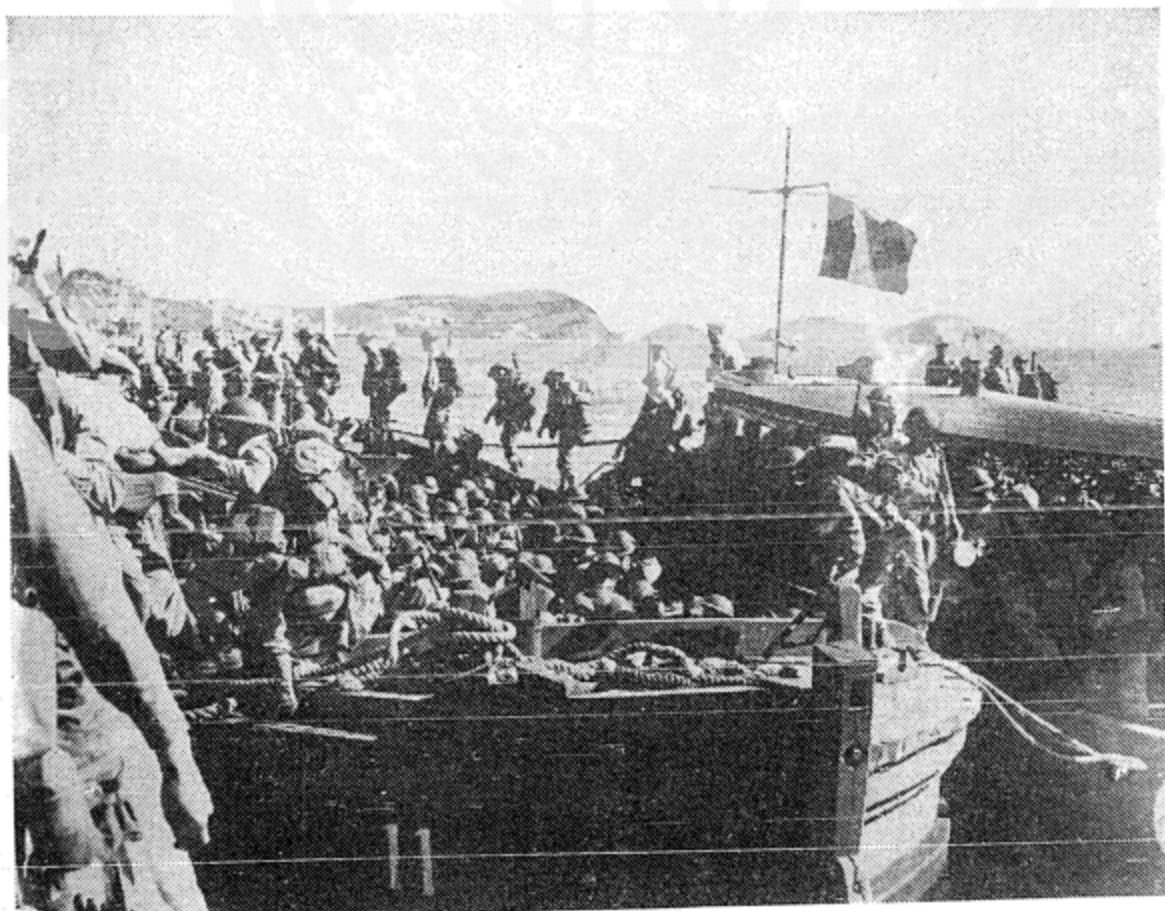
Os romances de "Fon-Fon"

	Prego	Pelo Correo
Amores de Nanico — 8 fascículos..	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O fim de Pardailan — 2 fascículos	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O fim de Fausta — 8 fascículos...	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O castelo Saint Pel — 9 fascículos	Cr \$ 4,50	Cr \$ 5,40
João Sem Medo — 6 fascículos....	Cr \$ 3,00	Cr \$ 3,60
Requena — 14 fascículos.....	Cr \$ 7,00	Cr \$ 8,40
Quilômetro — 7 fascículos.....	Cr \$ 3,50	Cr \$ 4,20
Rei Amarelo — 5 fascículos....	Cr \$ 4,50	Cr \$ 5,40
O Rival do Rei — 7 fascículos....	Cr \$ 3,50	Cr \$ 4,20
A Rainha do Arget — 12 fascículos	Cr \$ 6,50	Cr \$ 7,80

DEBIDOS A

COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELETA

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62 — RIO



UM novo destacamento de tropas dos Estados Unidos desembarca na ilha de Nova Caledônia, no Pacífico, que está sob o controle dos Franceses Combatentes. Esse destacamento foi reforçar as grandes forças norte-americanas já em serviço naquele ponto estratégico. (Clichê da Inter-Americana).

Senhoras

GYSA

E' PROVIDENCIAL

A vossa Saude e Juventude estarão sempre asseguradas com o uso de um excelente medicamento.

GYSA,

vos salvaguardará sempre.



F.T.O.